

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MESTRADO EM ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

ELIANE MARIA MORRIESEN

FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

DISSERTAÇÃO

PONTA GROSSA

2020

ELIANE MARIA MORRIESEN

FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson

PONTA GROSSA

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento de Biblioteca
da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Ponta Grossa
n.44/20

M874 Morriesen, Eliane Maria

Formação docente para o ensino de empreendedorismo. / Eliane Maria Morriesen,
2020.

95 f.; il. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Programa de Pós-
Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Ponta Grossa, 2020.

1. Empreendedorismo - Estudo e ensino. 2. Professores - Formação. 3. Prática de
ensino. I. Frasson, Antonio Carlos. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
III. Título.

CDD 507



Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus de Ponta Grossa
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Título da Dissertação Nº 169/2020

FORMAÇÃO DOCENTE PARA O ENSINO DE EMPREENDEDORISMO

por

Eliane Maria Morriesen

Esta dissertação foi apresentada às 14 horas de **28 de abril de 2020** como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, com área de concentração em Ciência, Tecnologia e Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo citados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Profa. Dra. Cleise Maria de Almeida
Tupich Hilgember (UEPG)

Profa. Dra. Rosemari Monteiro Castilho
Foggiatto Silveira (UTFPR)

Prof. Dr. Antonio Carlos de Francisco
(UTFPR)

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson (UTFPR) -
Orientador

Profa. Dra. Eloiza Aparecida Silva Avila de
Mattos (UTFPR)
Coordenadora do PPGECT

- A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Programa -

Dedico esta dissertação ao meu noivo
Romário Andruchechen, pela doação
incondicional, cumplicidade, alegria,
paciência, sabedoria e conforto. Obrigado
por abraçar comigo minhas escolhas.
É UM PRIVILÉGIO CONVIVER COM
VOCÊ!

AGRADECIMENTOS

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida. Portanto, peço desculpas àquelas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas que fazem parte do meu pensamento e de minha gratidão.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia da UTFPR, pelo aprendizado e pela colaboração.

As minhas amigas Débora Barni de Campos, Cristiane Lütke de Souza, Juliane Retko Urban e Viviane de Moraes pela parceria, compreensão e tolerância.

Gostaria de deixar registrado, o meu reconhecimento à minha família, meus pais Olinda e José pelo aprendizado em família, minha irmã Viviane, meu irmão Evandro, ao meu cunhado Sergio e minha cunhada Rodineia pela alegria e esperança, pois considero que sem o apoio de vocês seria muito difícil vencer esse desafio, em especial aos meus amados sobrinhos Clara, Bernardo e Mathias que emanam alegria em meus dias.

Agradeço particularmente ao Professor Dr. Antonio Carlos Frasson, pela sabedoria com que me guiou nesta trajetória como meu orientador. Faltam expressões para reconhecer e agradecer este profissional que entrou na minha vida e tornou-se modelo de compromisso e competência, que me concedeu o benefício de suas valiosas reflexões, contribuições e críticas. Além do aprendizado acadêmico e profissional, pautados pela seriedade e exigência, ficará em mim a referência de ser humano que inspira e convence pelo exemplo, sabedoria, parceria, fé, amor pela vida. Obrigado pela confiança e pelos ensinamentos.

A Deus pela sua presença constante no milagre da vida.

Ensinar não é transferir conhecimentos,
mas criar as possibilidades para a sua própria
produção ou sua construção.
(Paulo Freire)

RESUMO

MORRIESEN, Eliane Maria. **Formação docente para o ensino de empreendedorismo**. 2020. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2020.

No campo dos avanços educacionais que ora se apresentam na sociedade brasileira é estimado que no início da vida escolar o aluno excite o desenvolvimento de atitudes, posturas e aptidões. Entre estas encontra-se o empreendedorismo como um dos desafios para uma cultura empreendedora, que façam da proatividade e do relacionamento humano oportunidades para transformações sociais. Para a consolidação deste processo se torna necessário que o docente tenha a oportunidade de ser o catalizador desse processo, transformando a dificuldade em oportunidade. Posto isto, objetivou-se neste trabalho, analisar a formação dos docentes que atuam no ensino fundamental da rede pública estadual de ensino da cidade de São Bento do Sul (SC) em relação ao ensino de empreendedorismo. Metodologicamente os alicerces organizacionais desta centram-se nos princípios de uma pesquisa aplicada, de método indutivo, com enfoque qualitativo, fundamentada nos princípios basilares do estudo de caso. Nesta premissa buscou-se através dos autores Dolabela (1999 - 2003), Dornelas (2007 - 2008), Drucker (1986 - 2010), Filion (1999 - 2010), Leite (2017), Lopes (2010), Nóvoa (2009), Pimenta (2012) e Tardif (2014) o referencial teórico norteador para este estudo. A população em estudo contou com uma amostragem de vinte docentes do ensino fundamental que atuam nas diversas instituições de ensino da rede estadual do município de São Bento do Sul – Santa Catarina. Para a coleta de dados utilizou-se de uma entrevista semiestruturada, composta por 16 perguntas, dividida em 04 blocos. Para a análise dos dados seguiram os indicativos da Análise de Conteúdo de Bardin (2016). Os dados obtidos conduziram para o entendimento de que a maioria dos entrevistados jamais recebeu uma formação no tema. Configurando-se que o ensino de empreendedorismo não está sólido, pois os mesmos não obtiveram o conhecimento necessário em sua formação acadêmica. O embasamento para ensinar empreendedorismo não está sólido, pois esses docentes não têm essa caminhada em empreendedorismo desenvolvida em suas formações o que torna difícil a construção de uma aula de empreendedorismo que atenda minimamente os requisitos curriculares. À guisa de conclusão, destaca-se a necessidade de um planejamento das atividades, dos recursos didáticos e metodológicos diferenciados para serem utilizados com os alunos nas aulas teóricas. Ao assim entender, elaborou-se um produto educacional que é um roteiro didático-pedagógico com planejamentos para auxiliar os docentes no ensino de empreendedorismo, estimulando as habilidades e competências empreendedoras no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Docente. Educação empreendedora. Empreendedorismo no ensino. Empreendedor. Saberes docentes.

ABSTRACT

MORRIESEN, Eliane Maria. **Teaching training for teaching entrepreneurship.** 2020. 96 p. Thesis (Master's Degree in Science and Technology Teaching) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2020.

In the field of educational advances that now appear in Brazilian society, it is estimated that at the beginning of school life the student excites the development of attitudes, postures and aptitudes. Among these is entrepreneurship as one of the challenges for an entrepreneurial culture, which make proactivity and human relationships opportunities for social changes. For the consolidation of this necessary process, it becomes necessary for the teacher to have the opportunity to be the catalyst for this process, turning the difficulty into an opportunity. That said, the objective of this work was to analyze the training of teachers who work in elementary education in the state public school system in the city of São Bento do Sul (SC) in relation to the teaching of entrepreneurship. Methodologically, its organizational foundations focus on the principles of applied research, using an inductive method, with a qualitative approach, based on the basic principles of the case study. This premise was sought through the authors Dolabela (1999 - 2003), Dornelas (2007 - 2008), Drucker (1986 - 2010), Fillion (1999 - 2010), Leite (2017), Lopes (2010), Nóvoa (2009) , Pimenta (2012) and Tardif (2014) the guiding theoretical framework for this study. The study population had a sample of twenty elementary school teachers who work in the various educational institutions of the state network in the municipality of São Bento do Sul - Santa Catarina. For data collection, a semi-structured interview was used, composed of 16 questions, divided into 04 blocks. For the analysis of the data, they followed the guidelines of Content Analysis, by Bardin (2016). The data obtained led to the understanding that the majority of respondents never received training on the topic. Configuring that the teaching of entrepreneurship is not solid, because they did not obtain the necessary knowledge in their academic formation. The basis for teaching entrepreneurship is not solid, as these teachers do not have this walk in entrepreneurship developed in their training, which makes it difficult to build an entrepreneurship class that minimally meets the curriculum requirements. As a conclusion, we highlight the need for planning activities, differentiated didactic and methodological resources to be used with students in theoretical classes. By understanding this, an educational product was created, which is a didactic-pedagogical script with plans to help teachers teach entrepreneurship by stimulating entrepreneurial skills and competences in the students' teaching and learning process.

Keywords: Teacher. Entrepreneurial education. Entrepreneurship in education. Entrepreneur. Teaching knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa de Santa Catarina com a localização do município de São Bento do Sul.....	53
Figura 2	Desenvolvimento de uma análise	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Tempo de exercício no magistério/docência.....	65
Gráfico 2	Qual seu entendimento sobre empreendedorismo?.....	66
Gráfico 3	Como você compreende a relação da inovação com o empreendedorismo?	67
Gráfico 4	Como o docente pode contribuir para uma pedagogia empreendedora na escola?	68
Gráfico 5	Se sim, de que maneira?	70
Gráfico 6	Os cursos de formação continuada oferecem ferramentas didático-pedagógicas e aporte teórico para o ensino de empreendedorismo?	71
Gráfico 7	Quais os temas que deverão ser abordados na formação dos docentes para o ensino de empreendedorismo? Justifique.	72
Gráfico 8	De que forma a formação continuada pode contribuir para o ensino de empreendedorismo?.....	73
Gráfico 9	Ao seu ver, como é abordada a temática empreendedorismo e inovação com os alunos?	74
Gráfico 10	Em que disciplinas?	76
Gráfico 11	Qual o fator que motiva abordar ou não esta temática em sala de aula?	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Definições sobre empreendedor	25
Quadro 2	Algumas respostas à pergunta 'Como o docente pode contribuir para uma pedagogia empreendedora na escola?	68

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÔNIMOS

ABStartups	Associação Brasileira de Startups
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EMPRETEC	Ferramenta de Capacitação Empresarial desenvolvida pela Organização das Nações Unidas
GEM	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JEPP	Jovem Empreendedor Primeiros Passos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases Nacionais
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
MEI	Microempreendedor Individual
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MPE's	Micro e Pequenas Empresas
PIB	Produto Interno Bruto
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGECT	Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PEGN	Pequenas Empresas Grandes Negócios
REDESIM	Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TEA	Taxa de Empreendedores em Estágio Inicial
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 OBJETIVOS	15
1.2 JUSTIFICATIVA	16
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 EMPREENDEDORISMO	19
2.2 SUJEITO EMPREENDEDOR	24
2.3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA	31
2.4 SABERES DOCENTES	40
2.4.1 Formação Continuada de Docentes	45
3 PERCURSO METODOLÓGICO	49
3.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	49
3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA	50
3.2.1 Quanto aos Métodos	50
3.2.2 Quanto a Natureza	51
3.2.3 Quanto à Abordagem do Problema	52
3.2.4 Estudo de Caso	52
3.3 LOCAL	53
3.4 POPULAÇÃO	54
3.5 COLETA DE DADOS	54
3.6 VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PELOS AVALIADORES	57
3.7 ENTREVISTA PILOTO	60
3.7.1 Análise da Entrevista Piloto	60
3.8 ANÁLISE DOS DADOS	61
3.9 COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	63
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	64
4.1 PRIMEIRO BLOCO DA ENTREVISTA	64
4.2 SEGUNDO BLOCO DA ENTREVISTA	66
4.3 TERCEIRO BLOCO DAS ENTREVISTAS	71
4.4 QUARTO BLOCO DAS ENTREVISTAS	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre E Esclarecimento (TCLE)/Termo de Consentimento para uso da Imagem e Som e Voz (TCUISV).....	88
--	-----------

1 INTRODUÇÃO

Dentro do complexo sistema configuracional que ora se apresenta, a busca por novos patamares sociais, educacionais e econômicos tem-se tornado um fator primordial para a contextualização do homem no seio da sociedade. As capacidades, valores e conhecimentos que nele se apresentam, ampliam as possibilidades de compreensão do atual sistema organizacional da sociedade, bem como, da qualidade de vida que o ser humano tanto almeja.

Os símbolos conceituais emanados por esta perpassam também pelo sistema organizacional empresarial. O trabalho, as profissões e as novas oportunidades no campo profissional fazem parte deste caminhar. Munido deste arcabouço e face a expansão do sistema empresarial no Brasil, necessário se torna que grupos constituídos repensem os rumos da estrutura organizacional como um todo, tornando-a mais dinâmica e eficiente.

Dentro destes grupos tem-se as instituições de ensino, visto que as mesmas ao fazerem parte da construção intelectual e social do ser humano, trazem como princípio basilar a função do processo de ensinar e aprender a partir de referências tecnológicas e científicas. Este fato por si só conduz para um entendimento aguçado das problemáticas sociais e existenciais do ser humano.

No que se refere ao desenvolvimento de valores relacionados à formação de sujeitos voltados para o desenvolvimento sustentável do país, a educação contextualiza uma série de elementos para esta construção, entre as quais tem-se a questão teórica, didática, metodológica e organizacional voltada para o advento de novos empreendimentos.

Partindo do pressuposto que o sistema educacional, por intermédio das instituições de ensino é o baluarte na formação de agentes transformadores e reconhecendo a importância do empreendedorismo como peça fundamental para o desenvolvimento da sociedade, surge assim a necessidade de desenvolver as habilidades empreendedoras nos docentes. Neste sentido, entende-se que a formação continuada de docentes, com foco no empreendedorismo, torna-se essencial para a implementação de uma nova cultura no sistema educacional.

A formação de docentes tem sido objeto de pesquisas e discussões acadêmicas, que apontam novos rumos para a capacitação docente, debatendo a identidade profissional do professor e a busca em ressignificar os saberes necessários à docência e a prática pedagógica.

Instigar docentes para que sejam mediadores do conhecimento sobre empreendedorismo se faz pertinente numa economia hoje globalizada. Diante disto, o docente poderá ser visto como o agente que provoca o desequilíbrio das relações do aluno com o mundo, através da interdisciplinaridade e transversalidade de valores morais às questões levantadas, tornando-se empreendedor em sala de aula. Assim, o docente não estará diante da tarefa única de transferir conhecimentos, mas de desenvolver potenciais para o bem comum.

A partir da premissa da formação de docentes vinculada ao empreendedorismo a problematização que se apresenta para o presente estudo caracteriza-se da seguinte maneira:

A formação dos docentes que atuam no ensino fundamental da rede pública da cidade de São Bento do Sul conduzem aos pressupostos da prática pedagógica e metodológica para o ensino de empreendedorismo?

Assim, em congruência com a problemática os objetivos geral e específicos encontram-se assim constituídos:

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a formação dos docentes que atuam no ensino fundamental da rede pública estadual de ensino da cidade de São Bento do Sul (SC) em relação aos pressupostos da prática pedagógica e metodológica para o ensino de empreendedorismo.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Analisar se os cursos de formação continuada atendem em termos teóricos e metodológicos a formação docente para o empreendedorismo;

- Identificar os saberes (pedagógicos, disciplinares, curriculares e experienciais) que se relacionam à prática pedagógica do docente no ensino de empreendedorismo no ensino fundamental;
- Elaborar um roteiro didático-pedagógico para a orientação de docentes para o ensino de empreendedorismo.

1.2 JUSTIFICATIVA

Na contemporaneidade que a sociedade está vivendo, almeja-se que a escola seja uma instituição inovadora e constitua um direcionamento para o desenvolvimento de uma cultura de ações empreendedoras entre escola e família para instruir e aplicar os recursos de forma consciente no futuro dentro de uma convivência democrática.

Na escola, o aprendizado do empreendedorismo se torna atraente, onde os alunos aprendem brincando, podendo montar empreendimentos e simular vender seus produtos.

A autora deste trabalho, atua no ramo educacional e durante algum tempo atuou como formadora de docentes na área de empreendedorismo em vários estados brasileiros. Observava frequentemente os docentes comentando que seria mais fácil empreender se desde a infância houvesse uma orientação neste sentido.

Ao contrário do que a maioria das pessoas está acostumada a pensar, empreendedor não é só aquela pessoa que abre uma empresa e administra. Empreendedor é aquela pessoa que, ao encontrar uma situação desafiadora toma uma atitude buscando a solução. Repensar atitudes e valores que habitam o desejo das pessoas contribui na mudança cultural favorável ao empreendedorismo.

Para que isso advenha, é necessário, possível e desejável que o processo educativo inclua uma cultura que vise desenvolver habilidades empreendedoras, propondo ações educacionais voltadas para o estímulo do empreendedorismo.

Os saberes empreendedores adquiridos na instituição escolar como o planejar, a tomada de decisão, agir e conquistar o resultado almejado são ensinamentos que tornarão mais inovadores e criativos os alunos, reforçando o significado positivo da atitude empreendedora.

Está cada vez mais claro, que o mundo do trabalho tem exigido de forma constante e intensa, que as pessoas hajam como empreendedoras indiferente da profissão ou tipo de atividade que desempenha. Neste sentido, percebeu-se a lacuna existente nesta seara com a baixa oferta de material didático para auxiliar os docentes na sua formação dos saberes empreendedores para ensinar empreendedorismo com qualidade aos discentes.

Assim sendo, a presente pesquisa se justifica face a carência de professores que atuam no mercado de trabalho atual, e que saibam ensinar empreendedorismo com propriedade e motivação adequadas para cada etapa escolar.

Em congruência Drucker (1987), considera que qualquer sujeito pode aprender a ser um empreendedor, desde que, diante de uma decisão que necessite atitude, se comporte de forma empreendedora. O autor afirma que o espírito empreendedor tem como base o conceito e a teoria, e não a intuição.

Neste sentido, este trabalho pretende oferecer um roteiro didático pedagógico nomeado de **Ensinando a Ensinar Empreendedorismo**, que auxilie essa carência, permitindo assim, que os docentes sejam contemplados com um material onde possam buscar subsídio ao elaborar seus planejamentos de aula.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Visando atender aos pressupostos desta pesquisa, organizacionalmente, este encontra-se compartilhado em cinco capítulos, a seguir apresentados:

O primeiro capítulo apresenta a Introdução, na qual foi descrito o tema embasador deste trabalho, bem como o problema da pesquisa, objetivo geral, objetivos específicos e a justificativa da pesquisa.

No segundo capítulo apresenta-se o Referencial Teórico o qual introjetou contextualizações dos autores em relação à pesquisa. O 'Empreendedorismo', para realizar um delineamento acerca do termo, trata sobre sua origem do termo, tal como, sobre os diversos entendimentos que há sobre ele. 'Sujeito Empreendedor', traz a diversidade dos conceitos acerca do tema, a caracterização do empreendedor e os tipos. 'Educação Empreendedora', contribui com ensinamentos sobre empreender e a necessidade de um olhar direcionado para encorajar o

comportamento arrojado, criar desafios e modelos, típico de empreendedores. O docente é quem vai organizar um espaço envolvente para o aluno estabelecer seu próprio saber empreendedor. E por fim, 'Saberes Docentes', onde discorre a partir da reconsideração dos saberes necessários à docência, colocando a prática pedagógica e docente escolar como objeto de análise, pois o docente mobiliza e constrói saberes em sua ação docente.

A trajetória metodológica contextualizada no terceiro capítulo apresenta os pressupostos que norteiam o caminho Metodológico da Pesquisa e os procedimentos adotados, como a apresentação do produto, a classificação da pesquisa, local, sujeitos da pesquisa, coleta e análise de dados e a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o número do parecer 2.533.778.

O quarto capítulo trata da Análise dos Resultados, resultante dos dados que foram coletados nas entrevistas. Foi utilizada a análise de conteúdo para expressar os resultados das entrevistas dos participantes.

Finalizando a presente pesquisa, o quinto capítulo trata das Considerações Finais da pesquisa, apresentando as conclusões das entrevistas realizadas, as exposições da autora e sugestão para futuros trabalhos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta o referencial teórico, que subsidiará a pesquisa enquanto ciência, numa abordagem conceitual a respeito dos temas da dissertação e que servirão de apoio ao desenvolvimento desta pesquisa. Para este embasamento de literatura foram contemplados o Empreendedorismo, Sujeito Empreendedor, Educação Empreendedora e por fim, fundamentou-se na questão dos Saberes Docentes e Formação Continuada.

2.1 EMPREENDEDORISMO

O processo de internacionalização, que se faz presente na atualidade quer tenha um viés social, educacional ou econômico, conduz para uma inculcação de novas atividades produtivas. Tal afirmativa parte da premissa de que os paradigmas conceituais da atual sociedade são constituídos por diversas ações que impulsionam o processo de competitividade econômica e social entre os diversos países.

Alicerçada em práticas dialógicas problematizadoras, reflexivas e democráticas observa-se que dentro deste processo de competição, os novos empreendimentos são responsáveis pela movimentação da economia e conseqüentemente na geração de novos empregos. Assim, necessário se faz definir novos paradigmas de competitividade, embasados na capacidade de conceituar, analisar e perspectivar o desenvolvimento de novos produtos, serviços ou negócios.

Entende-se assim, que essa mudança de paradigmas conceituais sobre competitividade implica em prover no contexto empresarial e social novos conhecimentos transformadores. Conhecimentos esses que devem vir permeados de ações que visem uma maior capacidade científica e tecnológica, que visem a promoção de recursos humanos capazes de estabelecer vantagens competitivas a serem exercidas pelo setor produtivo.

A vantagem competitiva de qualquer nação ou organização, sem dúvida centra-se no ser humano o qual deve ser preparado e motivado com qualidade para atender as novas premissas que se estabelecem. Neste sentido, a aquisição de

conhecimentos científicos torna-se um condutor permanente para a implantação de novos empreendimentos. Arelado a este pensamento em relação ao ser humano, Dornelas (2007, p. 26) afirma que “de sua cabeça saem ideias de êxito ou caminhos que levam ao sucesso”.

Esta situação pode ser verificada por intermédio das nações mais desenvolvidas, as quais estão forjando trajetórias baseadas nos avanços da cultura, da ciência e da tecnologia, revelando assim, com clareza que o desenvolvimento prospera da liberdade para empreender e do crescimento intelectual do cidadão. A transcendência deste processo deu-se no início do século XVI, na França.

Para melhor entender esta confluência histórica, Filion (1999) aponta que o termo empreendedorismo tem conotação prática, mas também implica em atitudes e ideias. Indo além dessa sua reflexão destaca também que o termo denota fazer algo novo, ou desenvolver maneiras diferentes de fazer algo visando à preparação para a prática empreendedora, que pode ser aplicada a qualquer campo da atividade humana.

Com o transcorrer dos anos o termo empreendedorismo abarcou diversos entendimentos, fazendo com que pesquisadores de diversas nacionalidades se propusessem, não apenas tentar descrevê-lo, mas sim buscar uma definição mais apropriada sobre seu significado (FILION, 2010).

Entretanto, este esforço não foi o suficiente, face que as lacunas presentes no contexto da sociedade moderna e do conhecimento, conduziu para a introdução de novos termos, tais como: empreendedor, empreendedorismo, administração e economia empreendedora.

A partir das décadas de 1970/1980, com a geração de novos postos de trabalho a figura do empreendedor passou a ocupar o centro dos debates sobre como fomentar o desenvolvimento econômico dos países proporcionando mais vitalidade as pequenas e médias empresas. Com a abertura econômica brasileira ocorrida nos anos 90, muitos postos de trabalho foram reduzidos, o que impulsionou o crescimento dos pequenos empreendimentos.

Neste sentido, o advento do empreendedorismo no Brasil tornou-se premente e teve determinações feitas por intermédio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). O papel do SEBRAE foi de impulsionar a cultura de empreendedorismo, conforme citam em seus estudos Moura; Carol; Da Silva (2012).

Atento a gênese do empreendedorismo no Brasil, Dornellas (2008, p. 25) faz a seguinte observação:

Antes disso, quase não se falava de empreendedorismo e em criação de pequenas empresas. Os ambientes político e econômico do país não eram propícios, e o empreendedor não encontrava informações o suficiente para auxiliá-lo na jornada empreendedora. O SEBRAE é um dos órgãos mais conhecidos do pequeno empresário brasileiro, que busca junto a essa entidade todo o suporte de que precisa para iniciar sua empresa, bem como consultorias para resolver pequenos problemas pontuais de seu negócio.

Posteriormente a este encabeçamento dos determinantes do empreendedorismo no Brasil feito pelo SEBRAE em 1993, houve a criação do programa Ferramenta de Capacitação Empresarial desenvolvida pela Organização das Nações Unidas (EMPRETEC), cujo objetivo era de fomentar o empreendedorismo e capacitar interessados por meio de seminários e cursos.

Após a institucionalização do EMPRETEC, outras ações também contribuíram para ascensão do empreendedorismo no Brasil, tais como: a criação do programa Brasil Empreendedor do Governo Federal, em 1999 e 2002, destinado à formação de empreendedores em todo o país. A partir deste ocorreu o lançamento do projeto Pedagogia Empreendedora em 129 cidades brasileiras destinado a alunos e professores, ocorrido em 2003.

Tem-se também, que em 2006, o governo lançou o Estatuto Nacional da Microempresa de Pequeno Porte. Este estatuto visa estabelecer normas gerais relativas ao tratamento diferenciado e favorecido a ser dado às Micro e Pequenas Empresas (MPE's), e oferecer diversos benefícios para o exercício das MPE's, entre eles: Regime unificado de apuração e recolhimento dos impostos e contribuições da União, o chamado Imposto Simples; Facilitações tributárias; Dispensa do cumprimento de certas obrigações trabalhistas e previdenciárias. Além de diversos outros benefícios como estímulo à aquisição de inovações tecnológicas, facilitação no parcelamento de dívidas para adesão ao Simples Nacional (Imposto).

A formação da Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócios (Redesim), ocorrida em 2007, apontava simplificar a maneira de legalizar uma empresa.

Em 2008 foi estabelecido a figura do Microempreendedor Individual (MEI) que abriga, a pessoa que trabalha por conta própria e procura se formalizar enquanto pequeno empresário (pessoa jurídica). Para ser classificado como

Microempreendedor Individual, o profissional precisava faturar durante o ano no máximo R\$ 81.000,00 através da Lei nº 128 e não ser sócio ou titular de outra empresa. Ao se cadastrar como MEI, será enquadrado no Simples Nacional e isentado dos tributos federais.

No ano de 2010 a *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) fez uma pesquisa que apontou o Brasil com a maior Taxa de Empreendedores em Estágio Inicial (TEA). Em 2015 o Brasil obteve a maior taxa de empreendedorismo: 39,3%, o maior índice dos últimos 14 anos. De acordo com o SEBRAE (2017), 52 milhões de brasileiros com idade entre 18 e 64 anos estavam envolvidos na criação ou na manutenção de algum negócio.

Já no ano de 2016, ocorreu o lançamento do primeiro Censo Brasileiro das *Startups*¹. O censo identificou que o Estado de São Paulo possui 50% do total de *startups* no Brasil. Desse universo, a maioria está na cidade de Piracicaba, que abriga 19% do total de empresas de base tecnológica para a agricultura do País.

Em 2017 foi inaugurado o projeto Jovem Empreendedor Primeiros Passos (JEPP), no qual objetiva ensinar empreendedorismo nas escolas. A educação empreendedora proposta por este projeto para o Ensino Fundamental incentiva os alunos a buscar o autoconhecimento, novas aprendizagens, além do espírito de coletividade.

Para tal construção, a educação necessita atuar como transformadora desse sujeito e incentivá-lo à quebra de paradigmas e ao desenvolvimento das habilidades, dos comportamentos empreendedores e destinado a fomentar a educação e a cultura empreendedora.

De acordo com o levantamento da Associação Brasileira de *Startups* (ABStartups), em 2018 o número de *startups* no país encontra-se aglutinado nos estados de São Paulo (41%), Minas Gerais (12%) e Rio de Janeiro (47%). Entre as capitais destacam-se em números absolutos São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Entretanto, quando se considera a proporção de *startups* em relação ao número de habitantes, aponta a Associação Brasileira de *Startups* (2019) que

¹*Startup*, significa o ato de começar algo novo, normalmente relacionado com companhias e empresas que estão no início de suas atividades e que buscam explorar atividades inovadoras no mercado.

Florianópolis lidera no número de *startups* com empresas de inovação e base tecnológica.

Ao analisar estas ações pode-se observar que o empreendedorismo se apresenta como um processo de inovação e transformação que transcende as áreas funcionais de um negócio e conduz para um exame mais abrangente e integral tanto do empreendedor que cria e transforma organizações quanto da própria sociedade.

Ao refletir sobre empreendedorismo compreende-se como o resultado da iniciativa do empreendedor, impulsionada pelo reconhecimento da oportunidade que deriva em um negócio lucrativo e que cria valores para a sociedade através do envolvimento entre pessoas, processos, recursos materiais e fatores motivacionais.

Assim, entende-se que ao lado do processo de contextualização do empreendedorismo tem-se a figura do sujeito empreendedor.

A figura do empreendedor se desvela por trazer descobertas positivas que melhoram a si e à sociedade na qual está inserido, estimulando a geração de riqueza por meio de novos negócios, inovações.

O empreendedor é marcado pela inovação provocada pelo sistema econômico que cria oportunidades e acrescentam valor para a sociedade, seja este, social, capital ou educacional, conforme aponta Leite (2017, p.29).

Pode ser visto com clareza, que o empreendedor é caracterizado como sujeito visionário, que identifica oportunidades e cria negócios lucrativos, disposto a suprir as necessidades dos consumidores que estão sempre em busca de novos produtos, novas tecnologias e serviços de qualidade que superem as suas expectativas.

A seguir abordar-se-á os conceitos teóricos do sujeito empreendedor, visto ser ele o sujeito que proverá soluções criativas e arrojadas para o desenvolvimento econômico e social do país, uma vez que trará novas oportunidades e inovação no meio em que está inserido.

2.2 SUJEITO EMPREENDEDOR

Dentro do contexto emanado pela legislação brasileira, voltada para a implementação e incentivo ao empreendedorismo no Brasil, tem-se ao lado deste a figura do sujeito empreendedor.

De acordo com os apontamentos de Leite (2017), ser empreendedor significa ter capacidade de iniciativa, imaginação fértil para conceber ideias inovadoras, flexibilidade para adaptá-las, criatividade para transformá-las em oportunidades de negócio, motivação para pensar conceitualmente e capacidade para perceber a mudança como oportunidade.

Ainda, de acordo com os apontamentos de Leite (2017), pode se visualizar que o sujeito empreendedor é um indivíduo que se lança em novas empreitadas empresariais. Para isso torna-se necessário que o mesmo seja criativo, arrojado e busque realizar atividades empresariais diferenciadas do uso comum em seu contexto empresarial. Destaca ainda, que o empreendedor pode ser considerado como um dos ativos mais significativos que se fazem presente no contexto econômico mundial, visto que são ágeis, persistentes e, geralmente, trabalham com um tipo de capital intangível, ou seja, boas ideias.

A partir desta reflexão é admissível perceber que o sujeito empreendedor é aquele que coloca em ação os seus sonhos, motivado por fatores diversos, como desejo de auto realização e de assumir riscos e responsabilidades. Dispõe de capacidade para fazer acontecer, tendo conceitos inovadores e acredita que seus pleitos podem contribuir positivamente para a sociedade.

Historicamente a definição sobre a pessoa empreendedora também é encontrada em Smith (apud LONGEN, 1997) que em 1743, caracterizou o empreendedor como um proprietário capitalista, um fornecedor de capital e, ao mesmo tempo, um administrador que se insere entre o trabalhador e o consumidor. Esta definição refletia uma tendência, de sua época, em se considerar o empreendedor como uma pessoa que visava somente produzir dinheiro.

Posteriormente, nos anos de 1800, Say (1803) definiu o empreendedor como o responsável por agrupar todos os fatores de produção e descobrir no valor dos produtos a reorganização de todo capital que ele emprega.

Continuando a sua reflexão apresentou os requisitos necessários para ser empreendedor, tais como: julgamento, perseverança e um conhecimento sobre o mundo, assim como sobre os negócios, devendo também possuir a arte da superintendência e da administração (DEAKINS apud TONELLI, 1997).

O empreendedor por ser estudado pelas mais diversas áreas do conhecimento, traz em seu contexto um número considerável de conceitos sobre a sua ação, atraindo sobremaneira a atenção de especialistas de diversas áreas, não apenas economistas, mas também educadores, sociólogos, psicólogos, administradores e pesquisadores.

No Quadro 1, utilizando-se dos ensinamentos de Venturi (2003), citado por Moura da Cunha (2012), são apresentadas diversas definições sobre o sujeito empreendedor.

Quadro 1–Definições sobre empreendedor

Autor	Definição
Schumpeter (1934)	Empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente, pela introdução de novos serviços e pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos materiais. O empreendedor é aquele que realiza coisas novas e não necessariamente aquele que inventa.
McClelland (1961)	O empreendedor é definido como alguém que exercita controle sobre os meios de produção, produtos e produz mais do que consome com a finalidade de vendê-los.
Drucker (1974)	A criatividade não depende de inspirações, mas de árduo estudo; um ato de vontade. Assim como a pesquisa sistemática pode resultar na invenção, também pode haver uma busca premeditada de oportunidades para inovar. Quem souber onde e como encontrá-la será o empreendedor.
Julien (1986)	O empreendedor é aquele que não perde a capacidade de imaginar, tem uma grande confiança em si mesmo, é entusiasta, tenaz, ama resolver problemas, ama dirigir, combate a rotina, evita constrangimento.
Lance (1986)	Empreendedor é uma pessoa que congrega risco, inovação, liderança, vocação artística, habilidade e perícia profissional em uma fundação sobre a qual constrói uma equipe motivada.
PRODER Sebrae – Pr (1998)	Empreender é exercer a capacidade de imaginar, planejar e colocar em prática seus sonhos e projetos. Em síntese é fazer acontecer.
Filion (1999)	O empreendedor é uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém um alto nível de consciência do ambiente em que vive usando-a para detectar oportunidades de empreender.

Fonte: Adaptado de Moura da Cunha (2012)

A partir da circularidade de concepções apresentadas pode-se entender que o empreendedor é alguém que primordialmente inova, que conquista e fideliza clientes

inacessíveis, que tem iniciativa e paixão pelo seu empreendimento, além de não ter medo em assumir riscos.

Entende-se que o empreendedor é guiado pelo sentimento de que o importante não é ser, ter ou parecer, o importante é fazer, construir e desenvolver. Esse é um atributo dos realizadores, fundamentalmente de indivíduos com espírito criativo, que tentam, de forma ética, captar os desejos e necessidades do mercado. A criatividade demanda do empreendedor uma crença apaixonada no poder das próprias ideias e a firme convicção de vê-las chegar até o fim.

Em relação a contextualização do perfil psicográfico do empreendedor, Dornelas (2007) destaca que não existe um único tipo de empreendedor ou um modelo padrão que o identifique. Utilizando-se de uma pesquisa, centrada em uma amostragem de 399 empreendedores, classificou os mesmos em oito tipos distintos: Empreendedor Nato (mitológico), Empreendedor que Aprende, Empreendedor Serial, Empreendedor Corporativo, Empreendedor Social, Empreendedor por Necessidade, Empreendedor Herdeiro e o Empreendedor Planejado, assim descritos:

Empreendedor Nato (Mitológico): Nasce com forte inclinação para o empreendedorismo. Começam a trabalhar bem jovens, adquirindo habilidades de negociação e vendas.

Em países ocidentais, esses empreendedores natos são em sua maioria, imigrantes ou seus pais ou avós foram. São visionários otimistas, estão à frente de seu tempo e comprometem-se 100% para realizar seus sonhos. Suas referências e exemplos são os valores familiares e religiosos, e eles mesmos acabam por se tornar uma grande referência. Ao questionar um empreendedor nato quem esse admira, será comum citar a figura materna/paterna ou algum familiar mais próximo, ou em alguns casos citar Bill Gates, Silvio Santos, etc (DORNELAS, 2007, p. 11 e 12).

Quando se nasce com uma disposição interna para algo há uma confluência dos acontecimentos que determinam o caminho do sujeito na área. A aprendizagem sobre o assunto pode ser técnica ou científica, mas a prática é facilitada pela aptidão inerente a este tipo de empreendedor, que tem sua relevância para a sociedade pelo fato de não necessitar de formação específica e caso deseje estudar a área tem um desempenho superior aos não natos.

Empreendedor que Aprende: Inicia sua carreira em alguma organização, encontrando uma oportunidade de implementar seu próprio negócio.

O momento de disparo ou de tomada de decisão ocorre quando alguém o convida para fazer uma sociedade ou ainda quando ele próprio percebe que pode criar um negócio próprio. Geralmente demora um pouco para tomar a decisão. Antes de se tornar empreendedor, acreditava que não gostava de assumir riscos. Tem de aprender a lidar com novas situações e se envolver em todas as atividades de um negócio próprio (DORNELAS, 2007, p. 12).

Esta classificação de empreendedor pode ser observada naqueles que se sentem preparados para correr riscos, têm boa habilidade de planejamento e logística entre vida pessoal e profissional. São importantes agentes de transformação social, pois são geradores de empregos.

Empreendedor Serial: Tem como principal motivação abrir empresas. Quando o negócio começa a fase mais estável, ele vende e busca uma nova oportunidade.

Sua habilidade maior é acreditar nas oportunidades e não descansar enquanto não as ver implementadas. Ao concluir um desafio, precisa de outros para se manter motivado. As vezes se envolve em vários negócios ao mesmo tempo e não é comum ter várias histórias de fracasso. Mas elas servem de estímulo para a superação do próximo desafio (DORNELAS, 2007, p. 13).

Verifica-se que este tipo de empreendedor sente satisfação em empreender comprando empresas em dificuldades financeiras, transformando-as em um negócio rentável. Esta modalidade de empreendedor é dos que já possuem capital próprio para investimento, cria riquezas para si e como consequência para o tesouro.

Empreendedor Corporativo: Dedicar-se a empreender dentro de uma organização, inovando e criando novos negócios e processos.

Geralmente são executivos muito competentes, com capacidade gerencial e conhecimento de ferramentas administrativas. Trabalham de olho nos resultados para crescer no mundo corporativo. Assumem riscos e tem o desafio de lidar com a falta de autonomia, já que nunca terão o caminho 100% livre para agir. Isso faz com que desenvolvam estratégias avançadas de negociação. Convencem as pessoas a fazerem parte de seu time, mas sabem reconhecer o empenho da equipe. Sabem se autopromover e são ambiciosos. Se saírem da corporação para criar o próprio negócio podem ter problemas já no início, já que são acostumados com regalias e o acesso a recursos do mundo corporativo (DORNELAS, 2007, p. 13).

Este tipo de empreendedor são executivos de empresas, frequentemente criativos, inovadores, mas preferem a segurança que um emprego formal os proporciona a assumir riscos próprios. Têm destaque na sociedade por serem facilitadores de rentabilidades para as empresas movimentando a economia de uma nação.

Empreendedor Social: É envolvido em causas humanitárias, e tem como principal objetivo, construir um futuro melhor para a sociedade. Suas ações preenchem lacunas deixadas pelo poder público.

Suas características são similares aos demais empreendedores, mas a diferença é que se realizam vendo seus projetos trazerem resultados para os outros e não para si próprio. Os empreendedores sociais são um fenômeno mundial e, principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil, têm um papel extremamente importante, já que através de suas ações e das organizações que criam preenchem lacunas deixadas pelo poder público. De todos os tipos de empreendedores é o único que não busca desenvolver um patrimônio financeiro, ou seja, não tem como um de seus objetivos ganhar dinheiro. Prefere compartilhar seus recursos e contribuir para o desenvolvimento das pessoas (DORNELAS, 2007, p. 14).

Verifica-se nestas pessoas a disposição para fazer o bem e ajudar independentemente de retorno financeiro, prestígio ou reconhecimento. São pilares importantes da sociedade sobre tudo onde o Estado não cumpre com as suas obrigações.

Empreendedor por Necessidade: Costuma abrir seu próprio negócio por não ter outra alternativa. Geralmente não apresentam ideias inovadoras.

Suas iniciativas empreendedoras são simples, pouco inovadoras, geralmente não contribuem com impostos e outras taxas, e acabam por inflar as estatísticas empreendedoras de países em desenvolvimento, como o Brasil (DORNELAS, 2007, p. 14).

O empreendedor por necessidade é muito observado em países em desenvolvimento e frequentemente vê-se obrigado a entrar nesta modalidade por meio da informalidade, inicialmente para o sustento, podendo prosperar de acordo com suas competências administrativas. Em tempos de crise este tipo de empreendedor percebe oportunidades de se obter, com sua coragem e dinamismo, um emprego, auxiliando na manutenção do sustento.

Empreendedor Herdeiro (Sucessão Familiar): Herda da família um negócio e passa a dirigi-lo. O principal objetivo é multiplicar o patrimônio recebido.

O empreendedor herdeiro recebe logo cedo a missão de levar a frente o legado de sua família. Empresas familiares fazem parte da estrutura empresarial de todos os países, e muitos impérios foram construídos nos últimos anos por famílias empreendedoras, que mostraram habilidade de passar o bastão a cada nova geração. Mais recentemente, porém, tem ocorrido a chamada profissionalização da gestão de empresas familiares, através da contratação de executivos de mercado para a administração da empresa e da criação de uma estrutura de governança corporativa, com os herdeiros opinando no conselho de administração e não necessariamente assumindo cargos executivos na empresa. Mais recentemente, os próprios herdeiros e suas famílias, preocupados com o futuro de seus negócios, têm optado por buscar mais apoio externo, através de cursos de especialização, MBA, programas voltados para empresas familiares, com o objetivo de não tomar decisões apenas com base na experiência e na história de sucesso das gerações anteriores (DORNELAS, 2007, p. 15).

São aqueles sujeitos que estão posicionados em famílias empreendedoras e que seguem a tradição de empreender no negócio familiar, ainda que não possuam a vocação para o desempenho desta função, gerando a continuidade de uma tradição importante para a memória cultural, social e econômica de uma região.

Empreendedor O Normal (Planejado): Empreende por oportunidade, planejando o negócio com muitos detalhes antes de iniciá-lo.

O empreendedor normal seria o mais completo do ponto de vista da definição de empreendedor e o que a teoria teria como referência a ser seguida, mas que na prática ainda não representa uma quantidade considerável de empreendedores. Ao se analisar apenas empreendedores bem sucedidos, o planejamento aparece como uma atividade bem comum nesse universo específico, apesar de muitos bem sucedidos não se encaixarem nessa categoria (DORNELAS, 2007, p. 16).

Os empreendedores planejados possuem características de criatividade, persistência, capacidade de influenciar e controlar comportamentos de outras pessoas. Utilizam-se destas qualidades para gerir seus próprios negócios e movimentam a economia do país.

Morriesen *et al.* (2017, p.142) coadunam-se com essas reflexões de Dornelas (2007) quando observou-se diferentes aspectos e características dos empreendedores, no qual faz um viés de apesar não existir regras definidas para se

tornar um empreendedor bem sucedido, todos os empreendedores almejam o sucesso, como descrevem em suas pesquisas

O empreendedor é aquele que possui um olhar direcionado para encorajar o comportamento arrojado, criar desafios e modelos. Também possui um equilíbrio para lidar com situações como: frustrações, recursos limitados, processos adversos, pessoas não comprometidas onde os valores como perseverança e a determinação poderão promover a superação de limites por meio de mudanças inovadoras.

Em consonância com Drucker (2010, p.16), aponta que os empreendedores são eminentemente pessoas que inovam. Sentencia que a inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio ou serviço diferente, ao afirmar que “Empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática”.

Contudo, ressalta Leite (2017) que, a complexidade do sistema econômico reforça a tese da seleção das espécies de Darwin: os empreendedores altamente capacitados, preparados prosperam; os capacitados sobrevivem; já os incapacitados são as maiores vítimas do processo de transformação no mundo das organizações.

Empreender não significa apenas criar novas propostas, incentivar novos produtos ou processos, produzir novas teorias, conceber tecnologias sociais. Empreender significa transformar a realidade para dela obter auto realização e proporcionar valores positivos para a coletividade. Enfim, maneiras de gerar e distribuir riquezas materiais e imateriais através de ideias, conhecimentos e teorias.

A evidência do discurso do empreendedorismo segundo Miranda *et al.* (2019), está na capacidade de revolucionar na tecnologia, na importância para o desenvolvimento econômico, além de seus aspectos comportamentais, sendo a ousadia, criatividade, liderança e coragem, lidando com as dificuldades de se empreender em países em desenvolvimento.

Atrelado as nuances apresentadas sobre o sujeito empreendedor entende-se que necessário se torna buscar conhecimentos sobre a educação empreendedora, visto que a mesma contempla-se como um apoio aos saberes e a formação de docentes empreendedores para que haja o entendimento de que o espírito empreendedor tem origem nas práticas sociais.

2.3 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Dentro de uma leitura crítica e racional a respeito da construção econômica e social de um país, existem etapas a serem seguidas por seus dirigentes. Dentre deste tem-se o sistema educacional que ultrapassa os atos de codificação e de decodificação de todo o processo civilizatório que venha ser implantado dentro de uma nação. Ao assim refletir, entende-se que o analista político, necessita visualizar que a educação é um processo fundamental de propagação cultural, econômica e estrutural do ser humano na construção da sua identidade e por consequência de transformação da realidade.

No processo de elaboração de um novo caminhar civilizatório, tendo como parâmetro o processo educacional, Lopes (2010) demonstra que é por meio da educação que a criança se faz cidadã e adquire conhecimentos necessários para se preparar para a vida em sociedade e no futuro fazer-se presente no mercado de trabalho.

Como meio de ampliar a compreensão e o envolvimento dos sujeitos, Lopes (2010) alerta que desde o início da vida escolar é importante que se instigue o desenvolvimento de atitudes, posturas, aptidões e habilidades empreendedoras. O ensino de empreendedorismo visa preparar as aptidões para atitudes sobre as oportunidades, sabendo antever uma real situação de oportunidade.

A partir desta dinâmica, o autor destaca as influências do processo educacional e do treinamento que de certa forma contribuem para encorajar o empreendedorismo, no intuito de desenvolver atitudes, conhecimentos e habilidades. Entende-se que para estabelecer um negócio, uma organização, demanda muita iniciativa, energia, criatividade e persistência.

Em relação ao processo educacional, objeto deste estudo, o ensino de empreendedorismo nasceu em 1947 e Myles Mace ofereceu o primeiro curso de empreendedorismo na Universidade de Harvard para 188 alunos. Esse curso e outros posteriores, encontravam-se estruturados como curso de administração para pequenas empresas. Já em 1953, Peter Drucker, na Universidade de Nova York, ministrou um curso de empreendedorismo que, além da gestão de pequenas empresas, também envolvia a temática da inovação.

Neste caminho, em 1974, Karl Vesper reporta a existência de 104 cursos em universidades nos Estados Unidos e na década de 2000, atingiram a marca de 1.400 cursos.

Com o transcorrer dos anos, o foco não está apenas na administração de pequenas empresas, há diversas metodologias propostas em que o ensino do empreendedorismo está se desenvolvendo além do aspecto econômico, a educação que visa o desenvolvimento social, educadores que se propõem a discutir a educação que forme pessoas ativas e atuantes na sociedade (DOLABELA, 2003).

No Brasil, o impacto e os efeitos regulatórios deste caminho encontra-se expresso na Constituição Federal de 1988 e nas leis que regem o sistema educacional, tais como a LDBEN 9394/96 e nos determinantes da Base Comum Curricular de 2017, entre outras legislações específicas.

A Constituição Federal (1988), em seu artigo 205 reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre o Estado, Família e Sociedade ao determinar que

A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica no Brasil emanada em 2010 trouxe por objetivo orientar a formação básica, comum nacional, por meio dos princípios contidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2010).

Para atender a tais finalidades no âmbito da educação escolar, a Constituição Brasileira (1988) em seu Artigo 210 determina, “serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

Em consonância com a Constituição Federal (1988) a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais da Educação Nacional (LDBEN), de nº 9394/96, determina que o ensino médio é a etapa final do processo formativo da educação básica e é orientado por princípios e finalidades que preveem, dentre elas: a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos presentes na sociedade contemporânea, a formação ética, autonomia intelectual, pensamento crítico, relacionando a teoria com a prática, preparando o indivíduo para o trabalho ou para as profissões técnicas.

Para atender essa necessidade de formação do sujeito para o mercado de trabalho, em 2013, o Ministério da Educação (MEC), juntamente com o SEBRAE, apresentou o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec Empreendedor), com o intuito de agregar uma abordagem do empreendedorismo de forma mais enfática e focada nas transformações da realidade, estimulando docentes e educandos a fomentarem uma cultura empreendedora.

Em consonância com esta determinação pode-se observar que os princípios basilares de uma formação cidadã pode ser evidenciada nos anos iniciais do ensino fundamental.

Em dezembro de 2017 o Conselho Nacional de Educação aprovou a Base Nacional Comum Curricular² (BNCC), na qual indicavam a necessidade de se aplicar a prática dos saberes, condição que é naturalmente explorada no ensino de empreendedorismo.

Como preparar um aluno para o mercado de trabalho? Quem produz mais conhecimento? Qual o processo educativo que dá mais resultado? É uma postura pragmática, que, por outro lado, muitas vezes ignora quão amplo é um processo educativo.

Assim, questiona-se como os empreendedores aprendem? Como a capacidade empreendedora se desenvolve? Como potencializar e facilitar essas aprendizagens? As respostas a tais questões exigem uma certa reflexão, permitem indicar como editar ocorrências condutoras à aprendizagem, à educação para empreendedorismo. Esse processo é estreitamente conectado com a maneira de inovação, criatividade, identificação e aproveitamento de oportunidades.

Na direção de compreender o vínculo que se possa estabelecer entre o processo educacional e empreendedorismo Schumpeter (1982), esclarece que o desenvolvimento da sociedade não existiria se não houvesse alguém que constantemente desequilibrasse a produtividade das organizações e das pessoas, implantando novas maneiras de conduzir e atuar sobre as formas preexistentes, baseado no saber e no conhecimento. Além do aspecto econômico, toda a

²Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

educação que visa o desenvolvimento social pode ser considerada uma educação para o desenvolvimento da atitude empreendedora.

No âmbito da educação pode-se observar a importância de implantação de novos conhecimentos na escola. Fraiman (2013) evidencia que o empreendedorismo se destaca por ser um diferencial para a sustentabilidade no mercado de trabalho, caracterizada pelo desenvolvimento do autoconhecimento, autoestima, solidariedade, contexto cultural, habilidades de comunicação e em usar a tecnologia e trabalhar a inteligência emocional, a criatividade e a habilidade para a proatividade.

O desafio situa-se em como estimular, desenvolver e fomentar o pensamento criativo e inovador. Estimular novas formas de pensar e de experimentar o caminho da criação e da inovação são maneiras de se incitar a cultura empreendedora. Então, como induzir esse tipo de aprendizagem no contexto educacional?

Em seus estudos, Filion (1999) conduz aos docentes que o ensino do empreendedorismo é diferente do processo de ensino tradicional por se calcar mais no exercício da aprendizagem do próprio aluno, numa forma mais experimental, prática e contextualizada no mundo real, preparando o indivíduo para lidar com as incertezas, a falta de recursos, bem como incentiva a imaginação e a análise. Tal como a nossa proposta em relação ao docente.

Tal afirmação vêm ao encontro a respeito do que Lopes (2010) revela que quanto mais cedo, melhor para o sujeito que se inicie a educação empreendedora, o que justifica a importância de se fomentar a criatividade para o início da vida escolar, iniciando na educação infantil, prosseguindo no ensino fundamental e médio e incluindo-se nos níveis superiores.

Campos, Christo e Resende (2016, p. 2), tratam assim desta questão:

Para acompanhar as mudanças que acontecem no mundo impulsionadas pela globalização é que se faz necessário a figura do professor empreendedor, que apresenta as novidades, oportuniza escolhas e facilita o viver, percorrer nesta sociedade tão acelerada [...]

O sistema educacional enfrenta dificuldade em acompanhar as transformações sociais em que elas acontecem, sendo necessário dispor as novas gerações para a adaptação a um mercado de trabalho e a uma economia

impregnada de incertezas, caracterizada pela inovação tecnológica, flexibilidade laboral e pela globalização econômica (SCHUMPETER, 2019).

Analisando a fala dos autores Schumpeter, Campos, Christo e Resende, é possível compreender que a descoberta de um mundo empreendedor pode ser considerada como uma aventura da criatividade, uma peripécia necessária não só para aqueles que se envolvem com o empreendedorismo propriamente dito, mas para todos aqueles que estão engajados na construção de uma sociedade cidadã.

Enfatiza Sampaio (2019, p.71) que “empreendedor é aquele que age em sua empresa, escola, cidade e trabalho buscando soluções criativas para os problemas e mudando, assim, a sua própria condição de vida e também a de outras pessoas para melhor”.

Os educandos encontram na educação empreendedora uma forma de afrontar as desigualdades do mundo contemporâneo, seja como forma de distribuição de renda, de inclusão social ou de almejar novas possibilidades para a dinâmica social da pós-modernidade.

Do ponto de vista de Lopes (2010) em relação ao docente elucida que o professor é a peça-chave na construção de uma mentalidade empreendedora. Visto que o empreendedorismo ultrapassa os limites da eficácia administrativa nas organizações e torna-se fator decisivo em vários aspectos da vida social. Entretanto, para que esses e outros aspectos sejam compreendidos e dimensionados socialmente, torna-se necessário destacar que a questão educacional deve ser o alicerce deste processo.

Em relação a prática do empreendedorismo no sistema escolar, métodos e procedimentos pedagógicos podem estimular o desenvolvimento de competências e habilidades empreendedoras nos alunos. Para tanto, é necessário que o professor por intermédio de sua ação de aprendizagem conduza para a aproximação entre o ensino e a realidade de mercado.

Gifford e Pinchott (1985, p.73), desenvolveram seus conceitos de empreendedor interno da instituição escolar: o intraempreendedor. Os autores ainda consideram o intraempreendedorismo como a possibilidade que os colaboradores possuem de empreender dentro de suas próprias empresas onde trabalham e capazes de inovar. Ou seja, “intraempreendedores são todos os sonhadores que realizam”.

Além disso, o autoconhecimento e a autoestima são elementos importantes na aprendizagem e na construção da educação empreendedora, inferindo no processo cognitivo quanto as relações do sujeito com o outro e com o ambiente no qual está inserido. A educação empreendedora visa alicerçar valores em uma sociedade heterogênea, marcada positivamente pela diversidade cultural.

Nesse contexto, vale advertir o indicador de Mamede e Moreira (2005) que, habilidade empreendedora está relacionada tanto com a prática da função dentro da instituição escolar quanto com a competência individual. O intraempreendedor além de visualizar oportunidades contínuas dentro do seu ambiente, ele se desenvolve com a complexidade dos fatos, conquistando *know-how* e maturidade.

Nesta seara, Fugamali (2008) enfatiza que o termo intraempreendedor foi designado para abreviar o termo empreendedor intracorporativo, ou seja, o empreendedor como agente que colabora com sua habilidade. Sendo assim, o empreendedor inserido num contexto é denominado intraempreendedor.

Neste entendimento Sampaio (2019, p.61) demonstra que “intraempreendedores são funcionários e ou colaboradores que se comportam como empreendedores em benefício próprio e da empresa”.

Neste viés, é o profissional que empreende internamente em uma instituição, é uma forma de empreender com segurança, sendo uma estratégia da diferenciação de se ter um docente empreendedor no ambiente educacional, além de estar motivado, satisfeito, trazer o mesmo para a instituição, proporcionará agregação de valor ao processo de ensino aprendizagem que está a cargo do docente, em estimular a produção do conhecimento, criando metodologias eficazes para perfis diferentes de educandos.

Mediante o entendimento do que se compreende por empreendedorismo infere-se que a aproximação com a educação visa a construção de um caminho, direcionado para uma aprendizagem em que o “aprender a aprender” e o “aprender a fazer” estejam sempre presentes nas salas de aula. Desta maneira, o educador está contribuindo para que os alunos sejam mais autônomos e com capacidade de avaliar e decidir sobre situações do mundo real (PERRENOUD, 2015).

A educação empreendedora adota a instituição escolar como a referência de comunidade, considerando-a um *lôcus* de aprendizado da capacidade de construção do futuro. Assim, em congruência, Dolabela (2003, p.32) evidencia que:

Empreender é essencialmente um processo de aprendizagem proativa, em que o indivíduo constrói e reconstrói ciclicamente a sua representação do mundo, modificando-se a si mesmo e seu sonho de autorealização em processo permanente de autoavaliação e autocriação.

Dolabela e Filion (2013) defendem uma mudança radical frente aos métodos tradicionais de ensino, que tendem a se concentrar na transferência de conhecimento, buscando uma aprendizagem centrada em pensar de forma independente e proativa.

A atuação e desenvolvimento do docente empreendedor não é simplesmente inovar de maneira individualizada, e sim respeitando a estrutura da qual faz parte. Nas instituições é perceptível o profissional que tem perfil e espírito inovador, pois seu comportamento é o aporte de observações, está sempre à procura de melhorias não somente para si, mas para o ambiente de trabalho. Ao discorrer sobre a participação do docente Ghedin (2009, p.8) esclarece:

O profissional que trabalha com ensino não pode jamais abrir mão da reflexão, enquanto processo que pensa o próprio pensamento, portanto uma tomada de consciência de si mesmo, direcionando para a continuidade do desenvolvimento profissional dos docentes, chamando-lhes à consciência de suas ações diante da profissão e da carreira.

Sobre essa questão, considerações podem ser elencadas, tendo em vista que intraempreendedorismo torna-se importante diante da constatação de que é possível, haver empreendedores dentro das organizações escolares. A ideia consiste em combinar as vantagens do uso das estruturas e recursos da instituição com as características de independência, criatividade e inovação no desenvolvimento dos projetos educacionais.

Afora da capacidade empreendedora, há outros saberes que são necessários na profissão do docente:

O professor precisa do saber e este é sinônimo de um conjunto de conteúdos que o professor precisa dominar para tornar-se o profissional da educação. Mais do que isso também é um profissional do ensino, quer dizer o professor é aquele sujeito que detém um conjunto de saberes que lhe possibilita atuar profissionalmente na área do ensino (GHEDIN, 2009, p.6).

Abordam os estudos Zampier e Takhashi (2010), no campo educacional, evidenciando que os docentes que são intraempreendedores ao relatarem que

avaliam a necessidade de atualização continuamente e que procuram habilidades de docência e de pesquisa.

Através da aprendizagem o indivíduo interioriza as informações do meio e dá início ao processo de construção do conhecimento acerca do mundo e de si mesmo. Quanto mais possibilidades de informação e conhecimento o educando obter para explorar o seu meio, mais o aspecto cognitivo será estimulado. O domínio de determinadas competências faz com que profissionais e organizações façam a diferença no mercado (GRAMIGNA, 2002, p.15).

Capacitar o aluno para adquirir competências empreendedoras é possibilitar uma educação mais criativa que desenvolva seu talento e potencial. Neste sentido, o empreendedorismo está intimamente relacionado com o processo de aprendizagem, conforme argui Cope (2005), uma teoria de empreendedorismo requer uma teoria de aprendizagem.

No âmbito da educação com enfoque voltado para o empreendedorismo vêm se constituindo com o propósito de favorecer a construção de conhecimentos. Dolabela (2003 p.55), estabeleceu a pedagogia empreendedora que tem como base a Teoria Empreendedora dos Sonhos, a qual é o combustível que irá impulsionar as habilidades, as capacidades, as competências e conhecimentos necessários para que o indivíduo possa transformá-lo em realidade.

O processo de construção do sujeito empreendedor, a partir dos seus sonhos, deve ser acompanhado e estimulado pelo docente, para o desenvolvimento da capacidade empreendedora de alunos da educação infantil ao ensino médio, envolto com as diretrizes fundamentais do ensino básico adotados em seu ambiente de aplicação, a escola. Para esta proposta de ensino o autor inicia com o seguinte questionamento: “Qual é o seu sonho e como você vai realizá-lo”.

“Nossa realidade é resultado de sonhos de muitas pessoas” (SAMPAIO, 2019, p.162). Em primeiro momento o educando desenvolve um sonho, um futuro onde almeja alcançar ou ser. Posteriormente, ele busca realizar esse sonho, e para isso, sente-se motivado a aprender mais para impetrar esse objetivo. O objeto da busca do sonho é estimular e preparar o aluno para sonhar e buscar a realização do sonho.

Qualquer pessoa, em qualquer condição, tem a aptidão de estabelecer sonhos, porque sonhar é uma qualidade da natureza humana. No âmbito da

pedagogia empreendedora, sonhos desempenham importantes funções no desenvolvimento da psique.

Em seus apontamentos sobre a pedagogia empreendedora e a teoria dos sonhos, Dolabela (2003) nomeia uma das formas que o sonho adquire com base na sua construção conceitual, intitulando-a de estruturante.

O sonho estruturante pode ser transitório, porque influenciado e apurado pelas constantes do próprio ser pode distinguir ao avaliar a intensidade da emoção que o sonho produz.

Na tentativa da realização do sonho, o sujeito faz os amoldamentos permanentes entre sua própria essência e sua capacidade de efetivar o sonho estruturante, entre autoconhecimento e o potencial de auto realização que o sonho pode aportar. Sampaio (2019, p.162) corrobora:

Homens como o ex-presidente da república Juscelino Kubischek, que sonhou e deu início à construção de um Brasil moderno, ou como o empresário Bill Gates, que sonhou com um mundo mais simples e prático, e criou uma grande empresa de produtos que estão na maioria dos lares e das empresas do mundo.

Ao procurar laboriosamente a realização do sonho, o sujeito empreendedor inventa, faz, erra, reavalia, transforma-se, reinventa o próprio sonho em uma dinâmica autocrítica que significa a contínua produção de si mesmo.

Dentro de um processo de consolidação, empreendedorismo e educação, Clouse *et al.*, (2003) conduz para quatro pontos importantes para a educação de aptidões empreendedoras: Facilitar o desenvolvimento da criatividade e da independência; Estabelecer um processo no qual os empreendedores alcancem os resultados esperados; Empregar experiências vivenciadas visando o desenvolvimento das habilidades; Aprender por meio da tentativa e erro e melhorar a autoestima dos alunos com relação ao desenvolvimento das habilidades empreendedoras.

Marcarini, Silveira e Hoeltgebaum (2003) reforçam que o desenvolvimento do empreendedorismo começa pela educação, em todos os níveis da vida acadêmica. É preciso formar pessoas que sejam mais autônomas, mais criativas e capazes de liderar. Os conhecimentos, as capacidades e os valores que nele se constroem, ampliam as possibilidades de compreensão do mundo e de aprendizagem. Neste processo o empreendedorismo busca apresentar práticas de

aprendizagem, considerando a autonomia do aluno para aprender, além de favorecer o desenvolvimento de atributos e atitudes necessárias para a gestão da própria vida.

Educar para empreender desde tenra infância, faculta que o cidadão seja protagonista de sua história de vida e a escola se torna um dos meios que pode incentivar o desenvolvimento das habilidades empreendedoras entre os alunos. O ensino de empreendedorismo na infância não é um modismo, mas uma necessidade com intuito de sintonizar os discentes com as demandas e os desafios do mundo atual.

O processo de dinamização da capacidade empreendedora dos docentes estabelece formação continuada para o bom desenvolvimento da capacidade empreendedora nos indivíduos, por meio de mecanismos educativos que levam em consideração as particularidades da atualidade. A atitude empreendedora está diretamente relacionada com a dinâmica de valorização do indivíduo como agente que interage com a sociedade, ao longo do processo de aquisição do conhecimento.

O ensino de empreendedorismo tem grandes possibilidades de se firmar como prática nas escolas, porque a cultura do Brasil é de empreendedor espontâneo, ele apenas necessita de estímulo (FILION, 1999).

O aprendizado do empreendedor é um processo permanente que se transforma na ação e está inserido em uma realidade que sofre constantes transformações, exigindo portanto, um conhecimento que recomeça a cada dia. A habilidade de tentar, de aprender com os erros e, portanto, de evoluir constitui a própria construção do saber empreendedor do docente, na qual percorreremos na seção seguinte.

2.4 SABERES DOCENTES

A trajetória histórica da profissão do docente descrita por Nóvoa (1995), situou os educadores primeiramente como funcionários da igreja e seguidamente do estado, destituindo sua autonomia. Eram considerados como meros executores das

diretrizes emanadas por essas entidades normalizadoras, atribuindo-lhes a concepção vinculada à racionalidade técnica em educação.

No âmbito da modernidade ocidental, o desenvolvimento quer seja quantitativo ou qualitativo a respeito dos saberes docentes foi amplamente difundido por intermédio do desenvolvimento de recursos educativos nos mais diversos setores educacionais.

Pautado nos ensinamentos de Pimenta (2012), entende-se que os saberes docentes são compreendidos como conhecimentos, habilidades, formas de atuação do professor, gerando desta maneira novos conhecimentos, providos da sua experiência. Esta vivência faculta o docente arguir com seus pares, suas propostas, interagir com seus alunos, praticar novos projetos, repensar sua didática, concretizar pareceres que decorram as situações-problema do cotidiano.

O exercício profissional do docente consiste em ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados. Pimenta (2012), ao discorrer sobre desempenho na profissão, declara que almeja-se que a licenciatura desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente construir suas práxis, partindo das necessidades e desafios que o ensino lhes coloca no cotidiano.

A partir do entendimento da importância que os saberes são necessários à prática pedagógica, Tardif (2014), apresenta reflexões que fornecem subsídio a uma epistemologia da prática, haja visto que considera o professor como um profissional que mobiliza e constrói conhecimentos/saberes em sua ação docente.

Outro ensinamento de Tardif (2014), diz respeito aos conhecimentos/saberes que são denominados de experienciais, que não se encontram sistematizados em doutrinas ou teorias. Esta contribuição epistemológica contextualizada por este autor, direciona a forma de ensinar nas escolhas que realiza na metodologia, no modo de como interage com os alunos e como procede no processo de avaliação didático-pedagógica.

Para tal Tardif (2014, p. 36) argumenta ainda, que “pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama. Neste sentido, são categorizados em quatro momentos: [...] de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”.

Num primeiro momento tem-se a Formação Profissional, definida pelo conjunto de saberes conduzidos pelas instituições de formação de professores. As

ciências da educação e da ideologia pedagógica “não se limitam a produzir conhecimentos, mas procuram também incorporá-los à prática do professor” (TARDIF, 2014, p.37), a seguir contextualizadas.

Nessa perspectiva, esses conhecimentos se transformam em saberes destinados à formação científica e congregados à prática docente. Independente da aptidão inata de alguns professores, a ciência de se ensinar é obtida com educação científica especializada pelas licenciaturas, elevando o nível do transmitir de conhecimentos nas mais diversas disciplinas do currículo escolar.

Os Saberes Disciplinares, no segundo momento surgem da tradição cultural e dos grupos sociais que produzem os saberes. São saberes produzidos pelas ciências da educação e dos saberes pedagógicos, que correspondem a diversos campos do conhecimento, integrados nas instituições sob a forma de disciplinas (matemática, história, literatura, arte e outras).

A educação está comprometida com as inovações e tal afirmação vem ao encontro com Mintzberg (2006) que descreve, que uma mentalidade criativa se alcança por meio do equilíbrio entre a arte, a prática e a ciência, de forma que se faça coexistir a organização e a estruturação científica com os processos de imaginação artística que buscarão perspectivas adequadas para a educação empreendedora nos saberes curriculares.

Os Saberes Curriculares mostram o terceiro momento e são os que se mostram sob a forma de programas escolares e “correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como modelos” (TARDIF, 2014, p.38).

Em determinadas instituições de ensino, o conteúdo está condensado em apostilas e livros preconizados pela escola como guia de ensino. O docente precisa se apropriar deste modelo para repassar o conhecimento aos alunos.

Assim pode contextualizar a proposta da criação do roteiro didático pedagógico para o ensino de empreendedorismo.

E por fim, têm-se os Saberes Experienciais, que são aqueles que no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolve-se saberes específicos, fundamentados no trabalho cotidiano e no conhecimento do seu meio, sendo a experiência individual ou coletiva. O professor ideal, conforme Tardif (2014,

p. 39) é alguém que deve “desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos”.

A par desses ensinamentos de Tardif (2014) entende-se que o exercício da atividade docente, não é uma atividade burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades técnico-mecânicas, mas de múltiplas competências perpassando do cuidar ao ensinar. Torna-se necessário inferir de que forma o empreendedorismo tem se feito presente no mundo da educação para que docentes e discentes possam ter competências empreendedoras e características do comportamento empreendedor.

Além das contribuições de Tardif (2014), tem-se em Pimenta (2012) sobre o saber docente. A autora apresenta uma classificação embasada em três categorias: Saberes da Experiência, Saberes do Conhecimento e Saberes Pedagógicos.

Os Saberes da Experiência têm correlação direta com os Saberes Disciplinares de Tardif (2014). Os autores concordam que são aqueles saberes que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada sobre outrem – seus colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores.

Esta categoria se relaciona àquele aprendido pelo professor desde quando aluno, assim como o que é produzido na prática num processo de reflexão e troca com os colegas.

Em relação aos Saberes do Conhecimento, Pimenta (2012) enfatiza que é a revisão da função da escola na transmissão dos conhecimentos e as suas especialidades num contexto contemporâneo. Em congruência a esta categorização, Tardif (2014) assevera que estes saberes são os Experienciais pautados na sua prática cotidiana e na percepção do seu ambiente escolar.

O professor atento a sua demanda deve contextualizar sua atuação de acordo com o público escolar, levando em consideração a complexidade do aluno como sujeito histórico, cultural, social e político.

No tocante aos Saberes Pedagógicos Pimenta (2012), diz ser aqueles que são construídos a partir das necessidades pedagógicas reais. Tardif (2014, p. 39) caracteriza este mesmo saber como sendo o Saber Experiencial, “[...] incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de habilidades, de saber-fazer e do saber-ser”.

As concepções elucidadas por Pimenta (2012) e Tardif (2014) coincidem e trazem reflexões sobre os docentes que poderão pelo estudo sistemático adquirir maior autonomia e produzir conhecimentos a partir das suas experiências e de seu fazer, permitindo pela auto e hetero-análise crítica, situada da sua prática redimensionar suas concepções pedagógicas favorecendo a mudança contínua da prática, mediante construção do conhecimento.

A finalidade da educação escolar é contribuir com o processo de humanização pelo trabalho coletivo e interdisciplinar de docentes e alunos com o conhecimento, numa perspectiva da inserção social crítica e transformadora. Isso requer preparação científica, técnica e social.

Para Pimenta (2012) e Tardif (2014) os saberes adquiridos pelo docente transportam de base para o ensino, tais como são percorridos pelos docentes. Não limitam-se a conteúdos bem circunscritos que dependem de um conhecimento especializado, abrangem uma grande diversidade de objetos e questões que estão relacionadas com sua prática pedagógica.

Todavia, a relação dos docentes com os saberes não se restringe a função de transmissão de conhecimentos já constituídos, mas ao âmbito dos processos formativos a partir da reconsideração dos saberes necessários à docência, colocando a prática pedagógica e docente escolar como objeto de análise. Seu exercício integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente cultiva diversas relações, bem como a valorização dos conteúdos de sua formação, da atividade crítico reflexiva sobre as práticas desenvolvidas, assim como as experiências compartilhadas.

Asseveram Pimenta (2012) e Tardif (2014), que embora existam diferentes tipologias e formas de abordar a questão dos saberes docentes, é importante considerar na investigação da questão não só o desenvolvimento profissional como também o desenvolvimento pessoal do professor, enfatizando que o saber é constituído a partir do contexto histórico e social vivenciado e transformado em saber da experiência.

Assim, a reelaboração dos seus saberes acontece por toda a vida profissional, de forma ininterrupta, condicionando o docente a mobilizar seus conhecimentos e práticas na busca de uma docência reflexiva e formadora, possibilitando-lhe desenvolvimento satisfatório de sua atividade profissional voltada

ao desenvolvimento da criatividade, autonomia, autoconhecimento, proatividade e perseverança.

A complexidade de desafios pelas quais os docentes são interpelados diariamente nas instituições de ensino, evidencia a necessidade de um novo olhar sobre os processos formativos. Neste âmbito, a formação continuada representa uma possibilidade de construir ações pedagógicas coerentes e viáveis nos contextos da ação profissional docente descritas a seguir.

2.4.1 Formação Continuada de Docentes

As concepções e os saberes que os docentes organizam acerca de suas relações, conceitos, percepção de mundo, de sociedade, de ser humano no processo ensino-aprendizagem estão vinculadas as suas experiências anteriores e mediadas pelo seu processo de formação docente, o qual assume diferentes etapas e recebe a influência dos paradigmas dominantes em cada época, determinando o modelo pedagógico adotado nos diferentes períodos históricos e científicos.

Pressupostos sugerem que o processo educativo seja motivador, significativo, investigador, de modo a aguçar a curiosidade e provocar a necessidade dos educandos, integrando e envolvendo as dimensões cognitiva, emocional e afetiva, na relação com os novos conhecimentos a serem abordados ou reconstruídos durante o processo.

Como o campo de trabalho do docente é o ensino, entende-se que sua formação consiste então no processo por meio do qual ele aprende e reaprende a ensinar, processo esse que envolve a formação inicial e continuada, fazendo-se presente ao longo de toda a carreira (ALMEIDA, 2009). Tal como proposto no roteiro didático pedagógico vinculado a este trabalho.

Nóvoa (2009) ao discorrer sobre o processo de formação de docentes destaca a formação inicial e a formação continuada.

A formação inicial do docente ocorre por meio de ações ensejadas durante o seu período de graduação, no qual envolve pessoal especializado e conteúdo instrucional do programa de formação.

Na complexidade das exigências que se colocam aos docentes para desempenhar a atividade profissional, faz-se necessário a formação continuada para

a melhora da prática pedagógica, visando o desenvolvimento da postura investigativa e interventiva na docência.

A formação continuada dos docentes ocupa um papel relevante na educação, já que a construção de um ensino com qualidade que busque atender a necessidade de todos exige repensar a formação dos educadores uma vez que este profissional é o principal agente do processo, aquele que fará diferença (NÓVOA, 2009).

Ainda na percepção de Nóvoa *et al.* (1992, p.25), este propõe a formação numa perspectiva que domina “crítico-reflexiva, que forneça aos docentes os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de formação auto participada”. De tal modo, o autor destaca três processos na formação docente: a) Produzir a vida do docente (desenvolvimento pessoal), b) produzir a profissão docente (desenvolvimento profissional), c) produzir a escola (desenvolvimento organizacional).

Na visão de Nóvoa *et al.* (1992), produzir a vida do docente abriga a valorização, como conteúdo de sua formação, da atividade crítico-reflexiva sobre as práticas desenvolvidas, assim como experiências compartilhadas. Compreende que a formação mobiliza diferentes saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes da militância pedagógica. Estes saberes também recebem influências paradigmáticas de acordo com concepções pedagógicas adotadas.

Pereira (2010) afirma que sob estas concepções pedagógicas, a formação de docentes assume um viés menos contemplativo e mais interativo, determinando processos e requerendo qualificação contínua, desdobramento num processo constante que privilegia o diálogo entre os pares, a intervenção, a crítica, a curiosidade e a investigação na construção do ensinar e aprender.

A formação continuada de docente conta com uma multiplicidade de fatores onde o docente adquire ao longo de sua vida acadêmica, subsídios teórico-práticos para desempenhar a sua função com competência. A capacitação docente ocorre de forma individualizada e coletiva, constituindo a base das culturas intelectual e científica dos professores atualizados.

Mediante o entendimento da formação continuada, os autores Fusari e Franco (2005, p.01) evidenciam que:

Como compensação de deficiências iniciais, isto é, compete repor conhecimentos, atitudes e habilidades que careceram ou não foram trabalhadas na formação inicial. Outra seria a formação contínua como atualização do repertório de conhecimentos superados e envelhecidos pelo desgaste do tempo; ou ainda, a formação contínua como elemento de aperfeiçoamento dos conhecimentos, ou seja, aperfeiçoar aquilo que o sujeito já sabe, mais ainda precisa aprofundar.

Candau (2003), destaca que todo processo de formação continuada tem que ter como referência fundamental o saber docente, o reconhecimento e a valorização. A prática docente consiste em todas as técnicas, métodos e saberes de que o docente se vale em sala de aula para facilitar a aprendizagem de seus alunos.

Conforme Behrens (2007), desde o final do século XX, paulatinamente se estabelece uma nova concepção de formação continuada, que envolve uma visão sistêmica, integrando dimensões e conduzindo a uma mudança de concepção, vontade política e individual para a transformação.

O desafio educacional na formação de docentes perpassou as discussões no cenário educacional nos últimos anos, para os quais necessário se fizeram contar com pessoas compromissadas, críticas, capazes de resolver problemas sempre novos, com espírito de pesquisa, com capacidade argumentativa, respaldando suas ações em bases teóricas (HENGEMÜHLE, 2014). Este estudo vai ao encontro destas discussões, pois visa formar professores aptos a ensinar empreendedorismo.

Sob esse paradigma, a formação de docentes adota um viés menos contemplativo, exigindo processos que ultrapassem a mera reciclagem. Consoante com Behrens (2007, p.446):

Nas décadas de setenta e oitenta do século XX, na Educação, as capacitações em geral, designadas como reciclagem tinham a finalidade de renovar ou remodelar a prática pedagógica dos docentes mediante cursos rápidos e por vezes desconectados do entorno educacional. Nesta época, as reciclagens geravam inclusive o papel de professores multiplicadores.

Requerendo qualificação contínua, estendendo-se num processo que privilegia a intervenção, a crítica, a curiosidade e a investigação na construção do ensinar e aprender do docente.

Atuar na docência num paradigma empreendedor implica enfrentar a incerteza, a inconstância, a inquietação no processo de formar pessoas, não somente para se adequar a modelos ou operacionalizar tarefas, mas também para tomar decisões e assumir sua cidadania (PEREIRA, 2010).

Como docentes empreendedores de sua formação continuada, tornam-se os intraempreendedores, pois desenvolvem criticamente suas visões sobre seus papéis, compreendendo-se como educadores e, por consequência, comprometidos com a aprendizagem de seus alunos, a qual não se restringe apenas as disciplinas específicas, mas alarga-se com o processo do aluno que tem pensamento crítico e visão múltipla dos fatos como cidadão.

Assim, entende-se que formar professores de forma ininterrupta é oferecer para o mercado de trabalho profissionais mais capazes de estabelecer relações de respeito com os outros e com o meio, competentes em apresentar soluções para problemas novos e complexos na educação,

Assegurando melhoria no processo de ensino-aprendizagem com estratégias e instrumentos que resultam da amplitude de uma abordagem que abarque conteúdos e metodologias adequadas para disseminar conhecimentos e desenvolver habilidades e atitudes no campo do empreendedorismo.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A complexidade e a diversidade que habitam o contexto educacional produzem relações inesgotáveis de encaminhamentos, e por consequência, permitem também múltiplas análises. Na circularidade que se estabelece neste processo investigativo, os fundamentos epistemológicos e metodológicos norteiam todo o processo estabelecido, pois acendem o estabelecimento de reflexões e análises interpretativas da temática a ser abordada – aqui representada nesta pesquisa pela Formação Docente para o Ensino de Empreendedorismo.

A partir desta reflexão o presente capítulo objetiva apresentar os pressupostos que norteiam o caminho metodológico desta pesquisa. Apresentando a descrição do produto, o delineamento da pesquisa, local, população, coleta de dados, análise de dados e comitê de ética em pesquisa

3.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Os estudos de Filion; Lima (2009) discorrem que ainda é possível observar a dificuldade em relacionar educação e empreendedorismo. Contudo, apresenta-se cada vez mais evidente que o empreendedorismo deixou de ser apenas um instrumento de desenvolvimento econômico, e passou a assumir uma importante função no desenvolvimento social, oportunizando novas formas de perceber o mundo, despertando e contribuindo para a formação de pessoas criativas, empreendedoras e comprometidas com o desenvolvimento social e coletivo.

Sendo assim, o produto educacional caracteriza-se por um roteiro didático-pedagógico doravante denominado ‘Ensinando a Ensinar Empreendedorismo’, em forma de e-book para auxiliar os docentes no planejamento das aulas de empreendedorismo voltadas para os anos iniciais do ensino fundamental. Este roteiro foi elaborado a partir de entrevistas com docentes das quais emergiram os enfoques necessários para a sua criação. O referencial teórico norteador que embasou o produto desta dissertação está pautado no marco teórico levantado para este estudo.

3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento da pesquisa encontra-se caracterizado nos seguintes momentos: quanto aos métodos científicos utilizados; quanto a natureza; abordagem do problema e por fim, estudo de caso.

Nessa guisa, a contextualização denota-se nos embasamentos teóricos dos autores Marconi & Lakatos (2004), (GIL, 2008), Frasson e Oliveira Junior (2009) e Fachin (2017). Nessa concepção busca-se o estabelecimento de uma rede que envolve análises e interpretações dos docentes inseridos no contexto da pesquisa.

3.2.1 Quanto aos Métodos

Em relação ao método científico utilizado, a presente pesquisa centrou-se nos determinantes do método indutivo, o qual em concordância com os escritos de Marconi & Lakatos (2004), a indução é um processo mental que tem como origem o particular e como destino a generalização.

Esta escolha centrou-se no fato de que o trabalho proposto buscou conhecimento por meio de uma população de docentes que poderá servir de exemplo para replicar em todo o estado.

No raciocínio indutivo, a generalização origina de observações de casos concretos, representados neste estudo, pela lacuna na educação de empreendedorismo no ensino fundamental. As constatações particulares induzem a elaboração de generalizações, que serão obtidas com a aplicação da pesquisa. A indução é realizada em três etapas (MARCONI & LAKATOS, 2004):

a) Observação dos fenômenos: nesta fase, fatos ou fenômenos são observados e analisados, a fim de se descobrir as causas de seu surgimento e manifestação. Este passo tem respaldo na experiência pessoal da pesquisadora que ao realizar formação continuada de docentes em diversas cidades do país, percebeu a deficiência na formação mínima para o intento.

b) Descoberta da relação entre eles: em seguida, procura-se através da comparação, aproximar os fatos ou fenômenos, com o objetivo de descobrir as situações que os assemelham, buscando identificar padrões e constantes existentes entre eles. Em específico para este estudo, os fenômenos observados relacionam-

se com um padrão educacional de carência de profissionais para lecionar empreendedorismo para crianças.

c) Generalização da relação: Nessa etapa conclusiva, generaliza-se a relação encontrada na fase anterior, entre os fenômenos e fatos que se assemelham. Na investigação científica aqui proposta, percebe-se a relação direta da falta de docentes de empreendedorismo para crianças com a dificuldade de ser empreendedor na vida adulta, dependendo de uma formação específica na área para realizar empreendimentos de maneira segura.

Existem algumas etapas do método de indução que devem ser destacadas para obter êxito na pesquisa, conforme preconizam Marconi & Lakatos (2004):

a) Certificar-se que é verdadeiramente essencial a relação: nessa etapa a averiguação é fundamental para evitar coletas acidentais, sendo necessário primar pelo essencial.

b) Assegurar-se de que os fenômenos sejam idênticos: há a necessidade nesta etapa de aproximar fatos diferentes e avaliar se existe semelhança suficiente para validar a pesquisa;

c) Aspectos quantitativos: buscar se há algo na pesquisa que possa ser mensurado, qualificado.

Os docentes são tomados como sujeitos históricos que elaboram e reelaboram teorias, estratégias e propostas práticas, as quais devem estar em constante transformação.

3.2.2 Quanto a Natureza

As entrevistas propostas nesta dissertação permitiram analisar os dados de forma a comparar e mensurar qualitativamente com algumas análises quantitativas. Considerando a aplicabilidade do presente estudo a mesma classifica-se como aplicada, porque apresenta muitos pontos de contato com a pesquisa pura, pois depende de suas descobertas e se enriquece com seu desenvolvimento, tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos (GIL, 2008).

Em relação a temática em estudo, o propósito é investigar a formação em empreendedorismo de docentes no ensino fundamental.

3.2.3 Quanto à Abordagem do Problema

No que diz respeito a abordagem do problema, esta centra-se nos parâmetros de uma pesquisa qualitativa, porque os dados serão tratados conforme as análises das narrativas dos partícipes da pesquisa.

Em relação aos princípios da pesquisa qualitativa, Frasson e Oliveira Junior (2009, p.82) afirmam:

O saber construído em torno desse modelo traz como escopo principal uma relação indissociável entre o real e o sujeito tendo como base os hábitos, as tendências, as atitudes comportamentais do ser humano. Nesse modelo não se prioriza o emprego de instrumento estatístico. Os estudos que utilizam a pesquisa qualitativa trazem em seu contexto uma organicidade estrutural dos fatos, o qual possibilita um aprofundamento no entendimento do processo em análise.

A investigação amparou no desenvolvimento do roteiro didático pedagógico tendo como base a entrevista para averiguar o conhecimento dos docentes sobre o empreendedorismo, como prevê a pesquisa qualitativa.

3.2.4 Estudo de Caso

Considerando os objetivos da presente pesquisa elegeu-se para conduzir a investigação a concepção do estudo de caso. Para Fachin (2017, p.37):

No método do estudo de caso leva-se em consideração, principalmente, a compreensão, como um todo, do assunto investigado. Todos os aspectos do caso são averiguados. Quando o estudo é intenso, podem até aparecer relações que, de outra forma, não seriam descobertas.

O método estudo de caso, não pode prescindir da analogia e do procedimento analítico. Suas principais características auxiliares, segundo Fachin (2017) para o levantamento de dados são:

- a) Características que são comuns a todos os casos no grupo como um todo;
- b) Características que não são comuns a todos os casos, porém são comuns em certos subgrupos;

c) Característica que são únicas de determinado caso.

A partir disso, chegará a uma correlação entre semelhanças e diferenças nas respostas da amostragem dos docentes que se voluntariaram para responder a entrevista face a face com a pesquisadora.

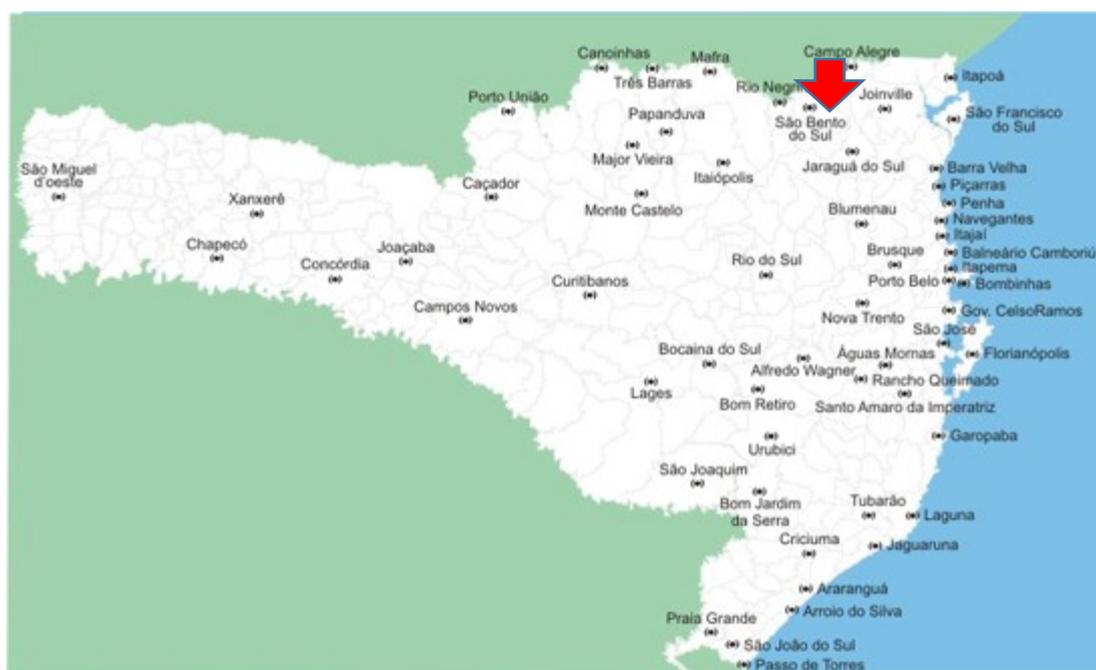
Contudo, esse método consecutivamente se baseará nos objetivos específicos deste estudo. Entre os benefícios está o fato de que se pode obter inferência do estudo, a descrição analítica do mesmo, pois solicita aos docentes participantes desta pesquisa reflexão sobre o seu fazer pedagógico acerca do empreendedorismo.

Assim, o método do estudo de caso está direcionado em investigar a formação em empreendedorismo de docentes no ensino fundamental, aspirando favorecer a integração dos processos de ensino do professor, produzindo de forma partilhada conhecimentos acerca de seu fazer pedagógico.

3.3 LOCAL

A pesquisa foi realizada com docentes do ensino fundamental anos iniciais de instituições de ensino estaduais, situada no município de São Bento do Sul, localizada na região norte do estado de Santa Catarina.

Figura 1 – Mapa de Santa Catarina com a Localização do Município de São Bento do Sul



Fonte: **Encontra Santa Catarina (2008)**

Segundo dados do IBGE (2019) a cidade conta com uma população estimada de 84.507 habitantes. Segundo os indicadores do panorama sócio econômico de São Bento do Sul (2018) a indústria representa 65,1% do movimento econômico, 14,9% do comércio, 14,6% do setor metal mecânico e 13,8% do setor móveis/madeira.

3.4 POPULAÇÃO

O município conta com 11 escolas estaduais, destas 05 atendem o ensino fundamental anos iniciais e a educação de jovens e adultos. Totalizando 68 docentes que atuam com o público em estudo, da educação básica ensino fundamental anos iniciais.

A presente investigação ocorreu com uma amostragem de 20 docentes do ensino fundamental que atuam nas diversas instituições estaduais localizadas no referido município e voluntariam-se para a entrevista.

Objetivando a preservação do anonimato dos partícipes, todos foram codificados por D1, D2, D3, sucessivamente até D20, onde a letra D é indicativa da palavra 'docente'.

3.5 COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu por meio de uma entrevista semiestruturada que tem como foco questionamentos básicos entre o investigador e o entrevistado. Esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Em relação aos meandros da entrevista semiestruturada Kauark (2010, p.65) descreve que a mesma é [...] “uma das técnicas utilizada na coleta de dados primários. Para que a entrevista se efetive com sucesso é necessário ter um plano para a entrevista, de forma que as informações necessárias não deixem de ser colhidas”.

O direcionamento desse método se dá com a obtenção de uma descrição e compreensão completa das relações dos fatores em cada caso. Conforme o objetivo desta pesquisa ocorreram entrevistas com os docentes, como instrumento de pesquisa.

A entrevista se estruturou partindo do diagnóstico de situações-problema experienciadas pelos docentes investigados, emergidas de suas vivências e necessidades contextualizadas.

Por se conceber como a própria prática pedagógica em empreendedorismo se evidencia, favorecendo a apreensão dos problemas, assim como o levantamento de propostas para a sua minimização/solução de forma integrada e partilhada, fomentando a pesquisa dos docentes sobre sua prática, construindo assim uma prática reflexiva de ênfase social que se investiga.

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, na presença da pesquisadora e do entrevistado, que ocorreram nas instituições de ensino, tendo a devida autorização das direções. O tempo estimado de duração variou de 90 a 120 minutos com cada inquirido.

Com o roteiro semiestruturado de perguntas, foi possível conversar com os entrevistados com liberdade para o seu desenvolvimento.

Os dados estão representados em forma de gráficos estatísticos e por meio de uma análise descritiva que os caracterizam.

A entrevista é composta por quatro blocos. O primeiro bloco se refere ao perfil dos entrevistados, configurando-se das seguintes perguntas:

Sexo

- Masculino
- Feminino

Idade

- 20 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- Acima de 50 anos

Tempo de exercício no magistério/docência

- Menos de 10 anos
- De 11 a 15 anos
- De 16 a 20 anos
- Mais de 20 anos

Formação Básica

- Magistério (nível médio)
- Graduação. Qual?
- Outro

Pós-Graduação

- Especialização
- Mestrado. Qual?
- Doutorado. Qual?

Disciplina (s) que ministra:

No segundo bloco foi investigada questões voltadas ao saber docente.

- Qual seu entendimento sobre empreendedorismo?
- Como você compreende a relação da inovação com o empreendedorismo?
- Como o docente pode contribuir para uma pedagogia empreendedora na escola?
- De acordo com sua experiência e seus saberes docentes, você possui condições de ensinar sobre empreendedorismo na escola?
Se sim, de que maneira?

O terceiro bloco se refere às questões sobre a formação docente.

- Os cursos de formação continuada oferecem ferramentas didático-pedagógicas e aporte teórico para o ensino de empreendedorismo?
- Quais os temas que deverão ser abordados na formação dos docentes para o ensino de empreendedorismo? Justifique.
- De que forma a formação continuada pode contribuir para o ensino do empreendedorismo?

O quarto bloco se refere às questões voltadas às práticas realizadas pelos docentes.

- Ao seu ver, como é abordada a temática empreendedorismo e inovação com os alunos?
- Em quais disciplinas?
- Qual o fator que motiva abordar ou não abordar esta temática em sala de aula?

3.6 VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PELOS AVALIADORES

A apreciação da entrevista passou pelo exame de dois avaliadores convidados de renome na área educacional e de empreendedorismo, os quais serão doravante denominados de Avaliador 01 e Avaliador 02, sendo a formação destes a seguinte: O avaliador 01 com título de Doutor em Educação e o avaliador 02 com título de Doutor em Engenharia da Produção.

As perguntas consideradas pouco claras ou ambíguas pelos profissionais foram reformuladas. Além disso, houve a possibilidade de sugerir novos itens, considerando-se as características da pesquisa.

Essa forma de validação de entrevista, tomando como base a classificação de Bowling (1997, p. 98), é denominada Validade Face a Face: “Essa é uma forma de validação de conteúdo em que se procura identificar, se os itens selecionados para o estudo estão medindo o que realmente se deseja. Além de discutir se o significado e a relevância do indicador estão evidentes por si só”.

De maneira similar, Elliot, Hildenbrand e Berenger (2012, p. 63), ao abordarem sobre a validação da entrevista, relatam que uma das maneiras de realizá-la é por meio da análise técnica de profissionais, denominados pelos autores como especialistas, os quais “[...] verificam se o instrumento possui as características técnicas preconizadas e indicam as modificações necessárias para que sejam alcançadas”.

Para que ocorresse a análise da entrevista, os avaliadores receberam uma sinopse da pesquisa pretendida, com o modelo da entrevista a ser aplicada.

As análises realizadas pelos avaliadores, contribuiram no enriquecimento da entrevista, com inserção de um quarto bloco e melhorias na descrição das perguntas.

Nos itens que seguem, é possível verificar as alterações sugeridas pelos avaliadores 01 e 02 acerca do primeiro, segundo e terceiro bloco:

Primeiro Bloco:

Para o primeiro bloco, levantamento de perfil dos respondentes, o avaliador 02, indicou que seria relevante acrescentar no final dos demais questionamentos as disciplinas que os respondentes ministram.

Acrescentou-se a seguinte pergunta: Disciplina (s) que ministra: _____

Segundo Bloco:

Neste bloco houve sugestões por parte dos avaliadores, assim descritas:

O avaliador 02 sugeriu acrescentar um questionamento sobre o entendimento de inovação com o empreendedorismo. Como você compreende a relação da inovação com o empreendedorismo?

Em relação a pergunta: Alicerçada em práticas dialógicas e reflexivas, como o docente pode ser a peça-chave na construção de uma mentalidade empreendedora no processo educacional?

Esta questão pode ser simplificada, visando a compreensão e uma melhor condição do entrevistado, sugerido pelo avaliador 01.

Alteração: Como o docente pode contribuir para uma pedagogia empreendedora na escola?

No tocante a esta questão: Os saberes adquiridos ao longo da sua atividade profissional docente lhe proporcionaram um embasamento teórico sobre o ensino de empreendedorismo na educação? Porque?

Esta questão poderá ser simplificada, visando a compreensão e uma melhor condição de resposta do entrevistado, sugestão do avaliador 01. O avaliador 02 sugeriu mudar a redação para evitar ter apenas uma resposta afirmativa ou negativa.

Alteração: De acordo com sua experiência e seus saberes docentes, você possui condições de ensinar sobre empreendedorismo na escola? Se sim, de que maneira?

Terceiro Bloco:

Neste bloco houve sugestões por parte dos avaliadores, assim descritas:

Para a questão: Quais os temas que deverão ser abordados na formação dos docentes para o ensino de empreendedorismo?

O avaliador 02, sugeriu que o respondente justifique o porquê da escolha do tema.

Alteração: Quais os temas que deverão ser abordados na formação dos docentes para o ensino de empreendedorismo? Justifique.

Em relação a questão: Relate qual seria o modelo de formação continuada com o repertório de ensinamentos sobre o empreendedorismo?

Sugeriu-se nova redação da questão pelo avaliador 01. O avaliador 02, sugeriu uma revisão da questão deixando-a mais específica.

Alteração: De que forma a formação continuada pode contribuir para o ensino do empreendedorismo?

Por fim, teve-se a sugestão do avaliador 02 para acrescentar um quarto bloco, voltado às práticas realizadas pelos docentes relacionadas ao empreendedorismo.

Considerando a sugestão dos avaliadores, reorganizou-se a entrevista e foi inserido um quarto bloco na entrevista, intentando que estas poderão auxiliar na complementação dos dados finais, para atingir da melhor forma os objetivos e a problemática da pesquisa.

3.7 ENTREVISTA PILOTO

Contemplando o instrumento de coleta de dados, validado no quesito conteúdo, foi realizado um teste piloto da coleta de dados, buscando experienciar a entrevista, que tem sido um procedimento amplamente utilizado nas pesquisas em ciências humanas.

Mediante o entendimento de Gil (2008, p.113), “as entrevistas tradicionalmente têm sido realizadas face a face, sendo a característica mais considerada para distingui-la do questionário”.

Para a efetivação do teste piloto, houve a autorização de uma instituição de ensino privada do município, na qual a entrevista foi efetuada com 8 respondentes que se voluntariaram a participar desta pesquisa.

O objetivo central do teste piloto foi averiguar se o instrumento de fato estava compreensível aos respondentes quanto a organização das questões e quanto aos objetivos do estudo. Antes de dar início a entrevista, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)/ Termo de Consentimento para uso de imagem e som e voz (TCUISV) (**Apêndice A**), no qual constou que ao efetivar as respostas, o respondente estaria concordando com os termos da pesquisa.

3.7.1 Análise da Entrevista Piloto

A entrevista (**Apêndice A**) foi realizada com oito docentes nos meses de agosto e setembro de 2019.

No primeiro bloco correspondeu ao perfil dos respondentes, não se verificou comentários que levassem à necessidade de complementação ou alteração.

A pesquisa foi composta por seis docentes em graduação em pedagogia, um em letras/inglês e outro em educação física. Todos atuam no ensino fundamental anos iniciais.

O segundo bloco investigou questões voltadas ao saber docente. O entendimento das perguntas foi acessível, não havendo a necessidade de alterar os questionamentos para os respondentes futuros.

Formação docente é o que se refere o terceiro bloco. Neste momento da entrevista foi o qual mais houve necessidade de reflexão dos respondentes, consideraram a segunda e a terceira pergunta difícil, porém todos responderam não apresentando necessidade de substituir ou excluir os questionamentos.

E por fim o quarto bloco se refere às questões voltadas às práticas realizadas pelos docentes, todas as perguntas foram facilmente compreendidas não havendo necessidade de remodelar.

Em relação ao tempo de entrevista, fator que consideramos também como essencial verificou-se uma variação de tempo de 90 minutos até 120 minutos, tempo este considerado como pertinente ao proposto.

3.8 ANÁLISE DOS DADOS

Para favorecer as análises e contemplar o problema e os objetivos estabelecidos, buscou-se fundamentar nos pressupostos da análise do conteúdo de Bardin (2016, p.42), a qual nos elucida que:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

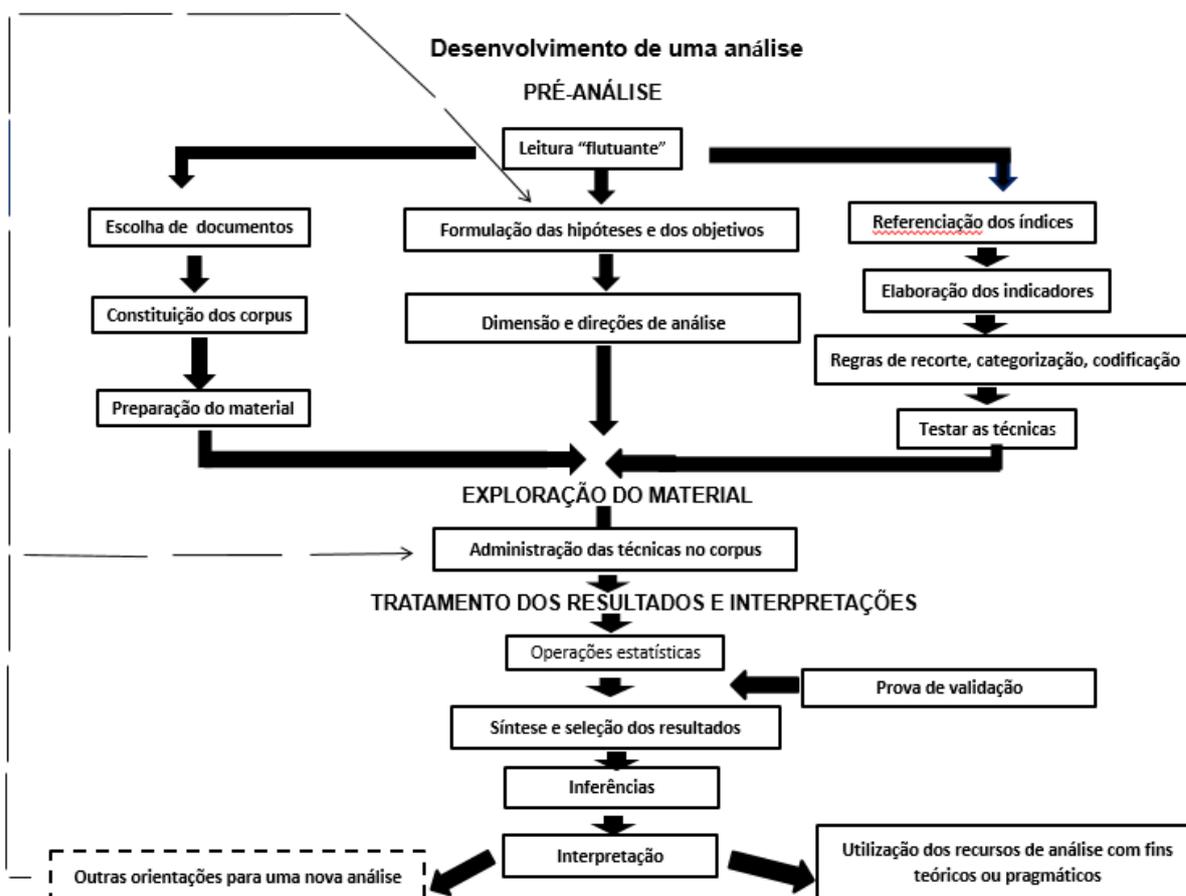
A análise de conteúdo pode tornar-se análise de significados, procurando conhecer o que está por trás das palavras obtidas após a aplicação da entrevista. A interpretação dos dados terá como alicerce o referencial teórico construído, na consciência de que fornecerá respaldo teórico e significado a pesquisa, com a intenção de buscar convergência com o tema pesquisado.

A análise de conteúdo possui como caminho de afazeres a descrição analítica que “[...] funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2016, p.41).

Para a aplicabilidade coerente desta análise, deve-se ter como início uma organização. Neste sentido para Bardin (2016, p.125), “há diferentes fases da análise do conteúdo, que organizam-se em três polos cronológicos”:

1. A pré-análise;
2. A exploração do material;
3. Tratamento dos resultados, a inferência e interpretação.

Figura 2 – Desenvolvimento de uma análise



Fonte: Bardin, L. *Análise de Conteúdo*, 2016.

A 'pré-análise' é a fase de organização, preparação e sistematização dos instrumentos iniciais da pesquisa, a escolha dos documentos, formulação dos problemas e objetivos do inquérito, no caso desta pesquisa, a transcrição das entrevistas. É a fase de organização e leitura do material escolhido.

A 'exploração do material' é o período da aplicação das intervenções específicas, propendendo os objetivos da pesquisa. É a fase de transformação dos dados brutos para atingir a representação do conteúdo descrita por Bardin (2016), como codificação.

O 'tratamento dos resultados, inferência e interpretações', foi a última etapa e trata dos resultados desta pesquisa, onde propõe inferências e interpretações, possibilitando as conclusões com base nas entrevistas realizadas com os docentes.

3.9 COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

O projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa – CEP da UTFPR, na plataforma Brasil, sob o número protocolar 80572017.1.0000.5547. Após a sua tramitação o mesmo recebeu a sua aprovação por intermédio do parecer 2.533.778, datado de 08 de março de 2018.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados desta dissertação que versam sobre a formação dos docentes de ensino fundamental em relação ao empreendedorismo por meio de uma investigação na formação, identificação dos saberes pedagógicos, disciplinares, curriculares e experienciais, que se relacionam com a prática pedagógica do docente, bem como, a apresentação da elaboração de um roteiro didático-pedagógico para a orientação de como lecionar empreendedorismo.

Para análise e discussão dos dados colhidos por meio das entrevistas, realizou-se o processo com vistas ao atendimento às determinantes da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), descritas na seção 3.8, no ensaio de fazer emergir as definições presentes nos dados.

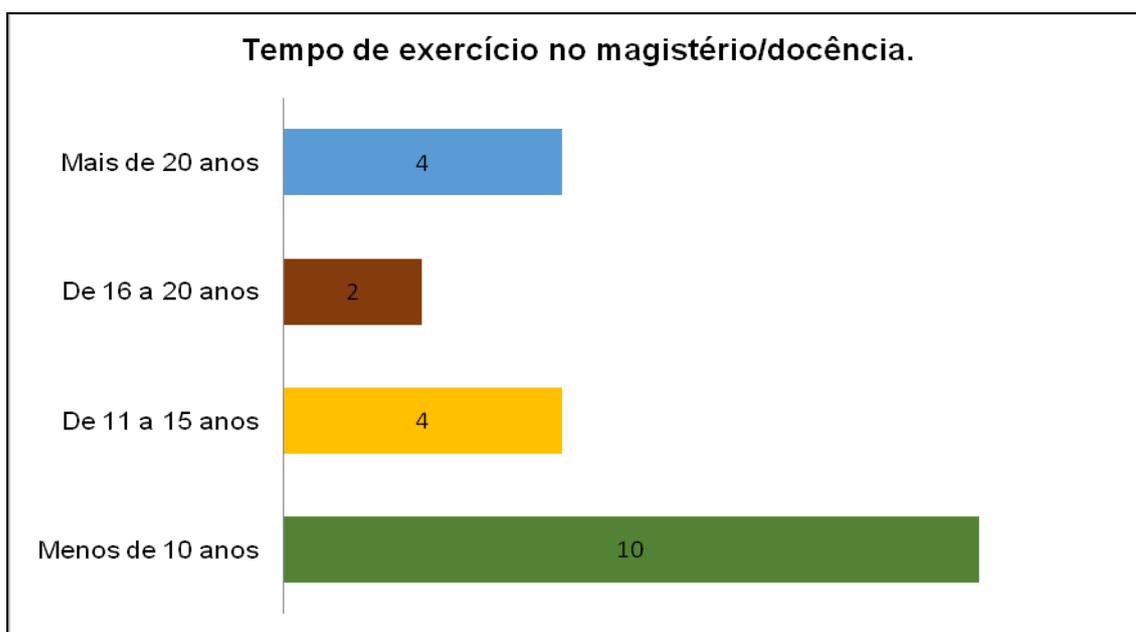
4.1 PRIMEIRO BLOCO DA ENTREVISTA

Este primeiro bloco se refere ao perfil dos entrevistados, considerando sexo, idade, tempo de exercício no magistério/docência, formação básica, pós-graduação e a disciplina que ministra, ao que se registra que todos atuam no ensino fundamental anos iniciais.

Dos 20 entrevistados, 18 (90%) são do sexo feminino e 02 (10%) são do sexo masculino. A idade predominante dos respondentes está entre 31 a 40 anos com 09 (45%), 20 a 30 anos, 08 (40%), acima de 50 anos 02 (10%) e apenas 01 (5%) entre 41 e 50 anos.

Em relação ao tempo de exercício no magistério/docência, os entrevistados em sua grande maioria possuem menos de dez anos em sua atuação (50%). De 11 a 15 anos (20%). O mesmo percentual se observa nos entrevistados com mais de 20 anos de atuação (20%) e (10%) de 16 a 20 anos, conforme especificado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Tempo de exercício no magistério/docência.



Fonte: Autoria própria (2019)

Dos respondentes, 5 docentes já possuem uma primeira graduação ao cursar pedagogia, sendo elas: filosofia, artes visuais, história, letras e *marketing*, sendo apenas 1 entrevistado que fez uma segunda graduação em matemática após ter cursado pedagogia. Dois deles são graduados em educação física, totalizando 19 (95%) com graduação e apenas um (5%) entrevistado possui ensino médio/magistério.

No que se remete a pós-graduação, o maior índice 09 (45%) possuem especialização em gestão escolar, psicopedagogia, ludoterapia, séries iniciais e educação infantil. O menor índice encontra-se no Mestrado em Educação um (5%) e doutorado em história um (5%).

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2018), no Brasil 0,8% das pessoas entre 25 e 64 anos concluíram o mestrado. A média dos países membros da OCDE é de 16 vezes maior, 13% das pessoas têm mestrado.

No doutorado, apenas 0,2% alcançaram o doutorado no Brasil, a diferença é de 5,5 vezes. A média da OCDE é de 1,1%.

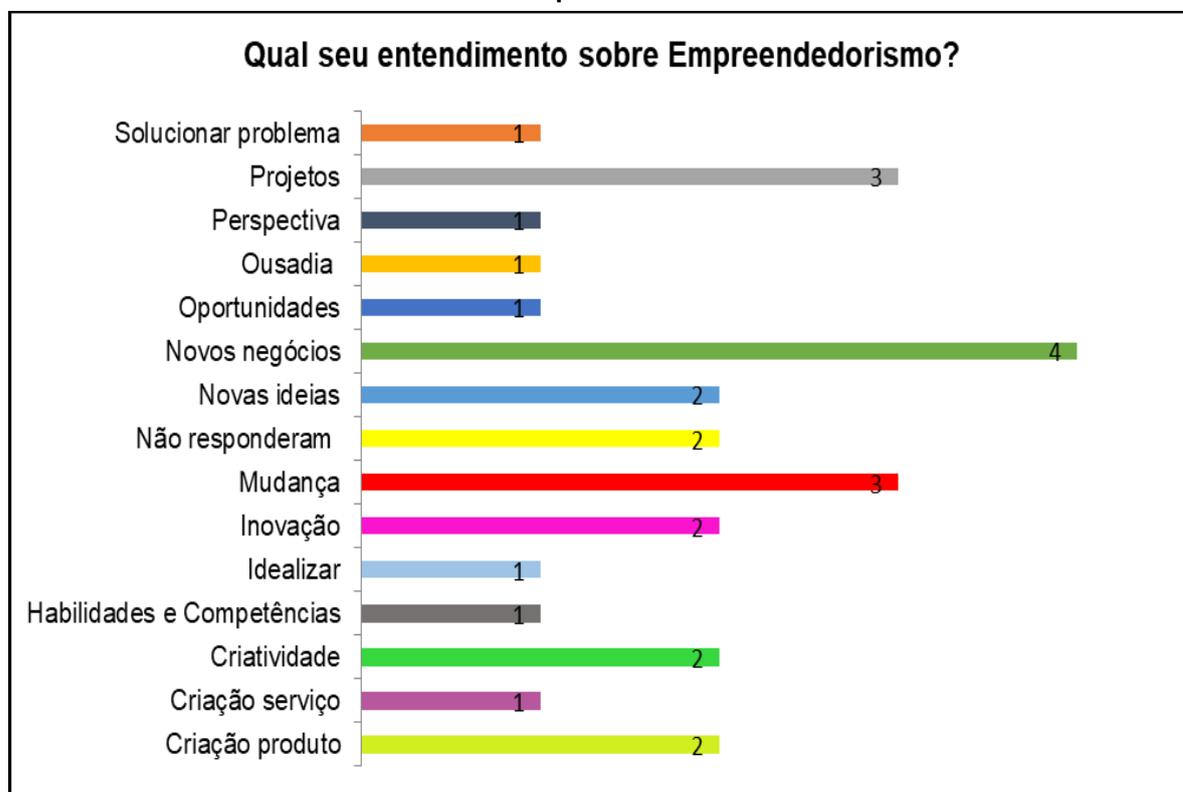
É interessante observar que dos docentes inqueridos, 5% tem mestrado e 5% tem doutorado. Muito acima da média nacional e ainda assim, não possuem formação suficiente em empreendedorismo.

4.2 SEGUNDO BLOCO DA ENTREVISTA

No segundo bloco foi investigado junto aos entrevistados, para atender o segundo objetivo específico desta dissertação, questões com entrevista semiestruturada voltada aos saberes docentes. Este bloco é composto por quatro questões.

Sendo assim, na primeira questão buscou-se na entrevista com os docentes averiguar **'qual o entendimento que estes tem sobre Empreendedorismo'**, conforme especificado no Gráfico 2.

Gráfico 2– Qual seu entendimento sobre empreendedorismo?



Fonte: Autoria própria (2019)

Em relação ao entendimento sobre empreendedorismo, observa-se que o maior número obtido (14,81%) se remete como sendo 'novos negócios', seguidos por 'mudanças' e 'projetos' (11,11%) de cada. Na confluência das indagações constitui-se um processo reflexivo no decorrer dessa pesquisa, evidenciada pelas seguintes narrativas: O D2 entende como empreendedorismo "a iniciativa de implementar novos negócios"; o D5 "um termo empresarial, utilizado principalmente por empresas, quanto a criação de produtos e serviços" e o D13 "diz que

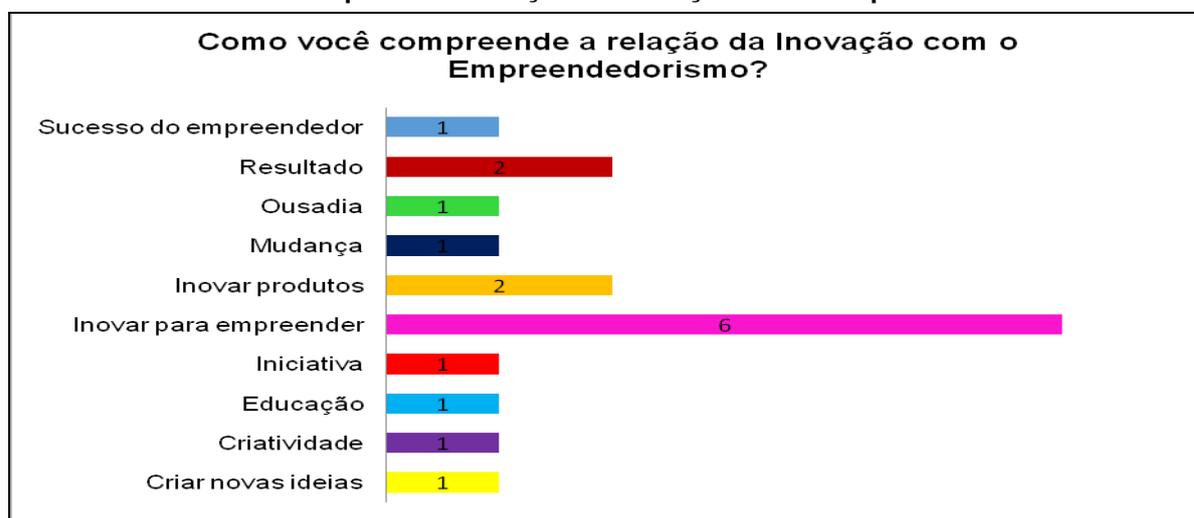
empreendedorismo é um estudo voltado para o desenvolvimento de algumas habilidades e competências”.

Observa-se que as respostas dos partícipes congrui para uma compreensão do empreendedorismo como uma competência voltada a um caráter empresarial. Estas concepções também estão corretas e não trazem prejuízos para a formação docente na área, mas não contemplam toda a dimensão do termo que pode ter correlação com o ensino, a educação e o contexto escolar, acarretando numa ausência de transposição didática.

Sobre a questão de **‘como você compreende a relação da inovação com o empreendedorismo?’** representada no Gráfico 3, o mais citado foi o ‘inovar para empreender’ com resultado de 30%, conforme arguiram o D3 “É preciso inovar para empreender” e o D5:

Inovar e empreender devem estar sempre conectados, já que é necessário muita criatividade e inovação para criar, desenvolver, expor e vender um produto. Uma empresa necessita inovar seus produtos para chamar a atenção dos clientes para que os mesmos obtenham interesse e efetuem a compra.

Gráfico 3– Como você compreende a relação da Inovação com o Empreendedorismo?



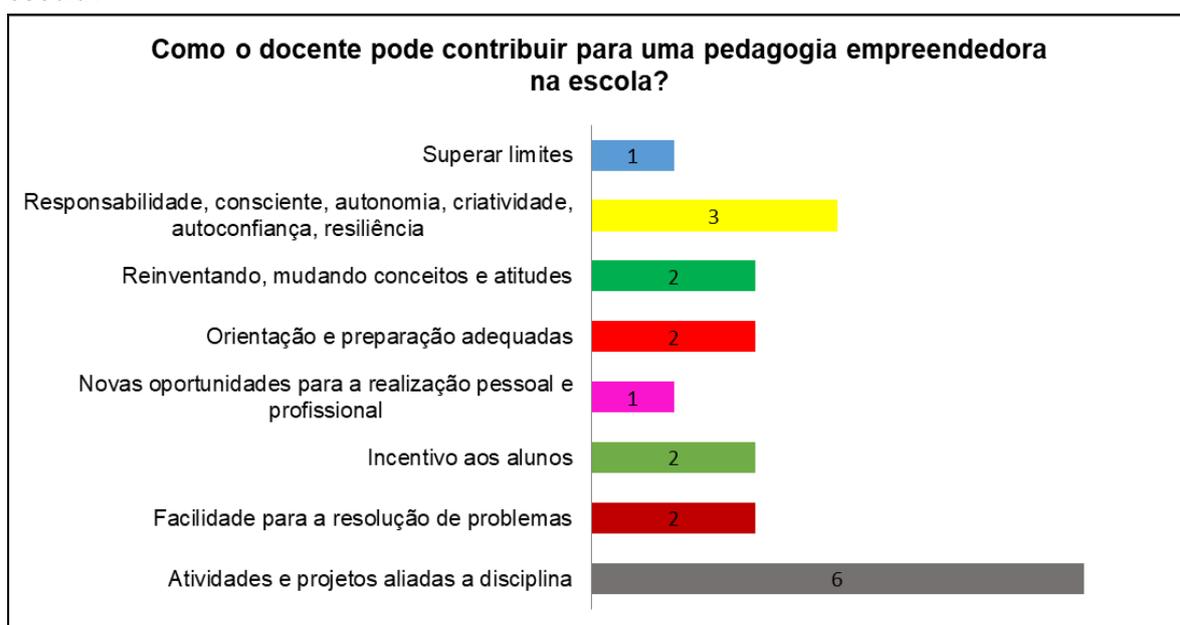
Fonte: Autoria própria (2019)

Ainda acerca desta questão, o D11 se posicionou explicando que “acredito que a relação de inovação com o empreendedorismo dentro da educação é quando fazemos nosso trabalho levando nossos alunos a criar, a usar o conteúdo de forma criativa, diferente para aprender”. Apenas três entrevistados (15%) não conseguiram responder essa questão.

Essas respostas relacionadas à ‘Inovação e Empreendedorismo’ estão coincidindo com os dizeres dos autores que estudam ensino de empreendedorismo, a exemplo da teoria schumpeteriana, a qual relata que empreender e inovar comporta geralmente a construção de novas organizações. Segundo Leite(2012, p.48), é um processo de aprendizagem, é a habilidade em errar, aprender com o erro e sair em busca da próxima oportunidade.

Na pergunta ‘**como o docente pode contribuir para uma pedagogia empreendedora na escola?**’, obteve-se respostas variadas e a predominância do entendimento ficou para as ‘atividades e projetos aliados a disciplina’ com 30%.

Gráfico 4– Como o docente pode contribuir para uma pedagogia empreendedora na escola?



Fonte: Autoria própria (2019)

Diante das respostas obtidas, apontam-se as narrativas que destacam o empreendedorismo escolar e também aquelas que não visualizam uma aplicação possível, elucidadas na Quadro 2.

Quadro 2– Algumas respostas à pergunta ‘como o docente pode contribuir para uma pedagogia empreendedora na escola?’

Destacam o empreendedorismo escolar	Não visualizam uma aplicação possível
D1 “Desenvolvendo atividades e projetos aliados as disciplinas que envolvam o empreendedorismo de acordo com a faixa etária e os interesses dos	D4 “Quando se fala em empreendedorismo, pensa-se em algo que nunca poderá ser feito na escola”

alunos”.	
D2 “É ajudar os alunos na estruturação e buscar alterar a realidade para produzirem e conquistar novas oportunidades para a realização pessoal e profissional”.	D9 “Infelizmente o tempo que temos é pouco para desenvolver um bom trabalho nesse sentido”.
D12 “O docente contribui na medida que desenvolve atividades que resultem em um projeto que impacta a vida na sociedade”.	

Fonte: Aatoria própria (2019)

É muito difícil esperar que se ensine empreendedorismo para crianças se os próprios professores não acreditam nesta possibilidade, conforme comentários de D4 e D9 presentes na Quadro 2. No contexto educacional brasileiro os docentes ocupam uma posição estratégica, tornando falha esta estratégia se o professor se nega a lançar mão de saberes pedagógicos, experienciais, disciplinares e curriculares.

Conforme o relato dos entrevistados perguntou-se **‘de acordo com sua experiência e seus saberes docentes, você possui condições de ensinar empreendedorismo na escola?’** Obteve-se que 60% responderam afirmativamente e 40% dos respondentes afirmaram ‘não possuir condições. Os índices obtidos vão ao encontro da narrativa de LOPES (2010), que diz que a educação empreendedora caracteriza-se como um processo que envolve o aprendizado de conhecimentos, habilidades, atitudes e qualidades de várias disciplinas bem distintas no ensino de uma teoria. O cenário do ensino fundamental brasileiro retrata professores que não se sentem aptos a repassar conhecimentos sobre empreendedorismo, corroborando com o resultado de uma sociedade que tende a falhar em iniciativas empreendedoras.

Ao serem questionados **‘de que maneira’** fariam esse ensinamento, predominou a resposta através de ‘projetos’ e ‘estímulo durante as aulas’ com 30% cada. Também elencou-se ‘pesquisas’ com 15%, ‘inovar e empreender’ com 5% e, por fim, ‘criar, executar sobre a temática’ com 5%.

Gráfico 5– Se sim, de que maneira?



Fonte: Autoria própria (2019)

Ao avaliar os depoimentos dos entrevistados percebe-se que mesmo a grande maioria tendo afirmado que possuíam condições de ensinar empreendedorismo na escola, os saberes adquiridos não são suficientes, conforme os relatos.

Eu como pedagoga sinto dificuldades para trabalhar esse tema. O ideal seria já estar na grade curricular, assim como acontece em algumas escolas no Brasil, onde fazem um trabalho extra curricular. Porém, sei da importância, estímulo meus alunos a obterem todas as qualidades necessárias para serem bons empreendedores, mas de forma incosciente. Onde fazem trabalhos que desenvolvem tais capacidades diariamente (D5).

Concordam com D5, o D6 “ Indiretamente trabalho empreendedorismo dentro de alguns conteúdos”.O D8 “Não, pois muitos ainda trabalham no estilo tradicional. Precisamos de preparação para podermos trabalhar esse tema em sala de aula” e o D9 “Acho que não consigo”. As considerações desses docentes encontram amparo nas pesquisas de Tardif (2016, p. 40) ao salientar que “A relação que os professores mantêm com os saberes é a de “transmissores”, de “portadores” ou de “objetos” de saber, mas não de produtores de um saber”. Conforme o mesmo autor, são esses saberes que facultam a legitimação social do aluno para uma vida com maior amplitude de discussão cidadã.

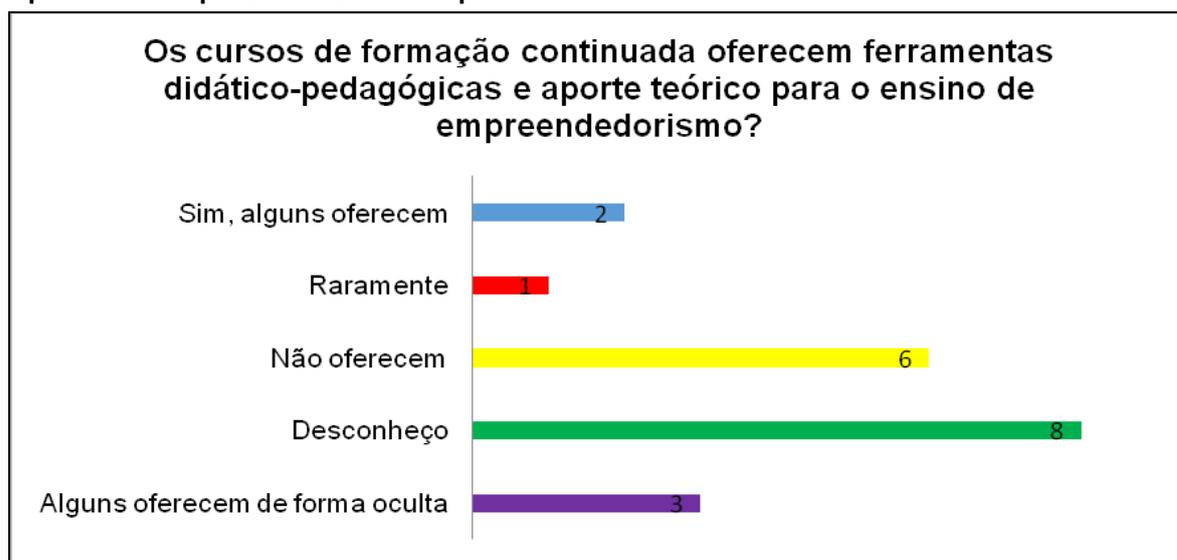
Os dados coletados neste bloco de perguntas, demonstram que os docentes têm pouco conhecimento sobre o ensino empreendedorismo, acreditam ser voltado a negócios, empresas e produtos. Este fato suscita uma reflexão que é muito desafiador ensinar empreendedorismo no ensino fundamental quando os docentes, em sua maioria, não possuem os saberes necessários para reproduzir o conteúdo.

As concepções e os saberes que os docentes organizam acerca de suas relações, conceitos, percepção de mundo, de sociedade e de ser humano no processo ensino-aprendizagem estão vinculados às suas experiências e mediadas pelo seu processo de formação docente, que se tornam ineficazes quando não desenvolvidas e trabalhadas.

4.3 TERCEIRO BLOCO DAS ENTREVISTAS

Este terceiro bloco se refere às questões sobre a formação docente composto por três questões. Neste viés, ao entrevistar os docentes se **‘os cursos de formação continuada oferecem ferramentas didático-pedagógicas e aporte teórico para o ensino de empreendedorismo?’** tem-se o seguinte:

Gráfico 6– Os cursos de formação continuada oferecem ferramentas didático-pedagógicas e aporte teórico para o ensino de empreendedorismo?



Fonte: Autoria própria (2019)

Podemos observar no Gráfico 6 que 40% dos entrevistados ‘desconhecem essa formação’, 30% dizem que ‘não oferecem’ e 15% dos entrevistados afirmam que são ‘ofertados de forma oculta’, não específica.

O D4 argumenta: “Desde que iniciei minhas atividades como professora nunca tive um curso ou incentivo para esta determinada área do empreendedorismo”, indo ao encontro do comentário de D12, que ressalta: “Os cursos de modo geral não oferecem formação empreendedora ou inovadora. São especificamente teóricos”. Uma hipótese pela qual esses entrevistados percebam a

falta de incentivo durante sua caminhada acadêmica é corroborada por Martins, Diesel e Silva (2016), que afirmam que ainda não existe uma cultura empreendedora nas escolas.

Sendo assim, fez-se necessário delimitar **‘quais os temas que deverão ser abordados na formação dos docentes para o ensino de empreendedorismo?’** Representados no Gráfico 7, gerou-se um gráfico com as 10 respostas mais pontuadas, sendo que as mesmas foram repetidas por mais de uma vez. Obteve-se em 37% de respostas o discurso de ‘não soube responder’ e por 5 vezes repetiu-se durante o diálogo que apreciariam aprender sobre os ‘tipos de empreendedores’.

Gráfico 7– Quais os temas que deverão ser abordados na formação dos docentes para o ensino de empreendedorismo? Justifique.



Fonte: Autoria própria (2019)

Estes dados obtidos e demonstrados no Gráfico 7, evidencia que boa parte dos entrevistados ‘não souberem responder’, corroboram com a necessidade de se estudar e receber estímulos sobre empreendedorismo durante toda a formação, desde a infância, pois conforme Kupfer (1995, p. 79), “[...] o processo de aprendizagem depende da razão que motiva a busca de conhecimento”, a falta de incentivo em um tema pode resultar em desinteresse na vida adulta.

Ainda acerca dos índices obtidos no Gráfico 7, apenas dois dos entrevistados souberam ou quiseram justificar o tema de sua escolha, resultando em 7,4% dos respondentes. O D18 justificou: “Acredito que os temas que elenquei são a base para o entendimento sobre empreendedorismo, este conhecimento aliado a criatividade e o saber pedagógico do docente são a receita para a pedagogia empreendedora”. O D20 mencionou:

Para formar um profissional competente para ensinar empreendedorismo é preciso que o mesmo durante o processo de formação tenha acesso a disciplinas que tratam especificamente sobre a arte de empreender, seus conceitos e práticas, pois estas, se exploradas em suas completudes, darão o suporte necessário para o ensino desta disciplina.

A questão seguinte atende a uma curiosidade do pesquisador afim de fornecer um material de aporte que supra as demandas levantadas, por meio da pergunta ‘**de que forma a formação continuada pode contribuir para o ensino de empreendedorismo?**’ explicitada no Gráfico 8.

Gráfico 8– De que forma a formação continuada pode contribuir para o ensino de empreendedorismo?



Fonte: Autoria própria (2019)

Houve uma predominância entre as respostas dos entrevistados em que 31,8% acreditam que a contribuição está na ‘aquisição do conhecimento’. Este fato pode ser constatado nas seguintes falas: D6 “Dando dicas e informações de como e para que ensinar empreendedorismo” e D11 “Cursos que levem os profissionais da educação a refletir primeiramente sobre suas práticas, que façam os professores

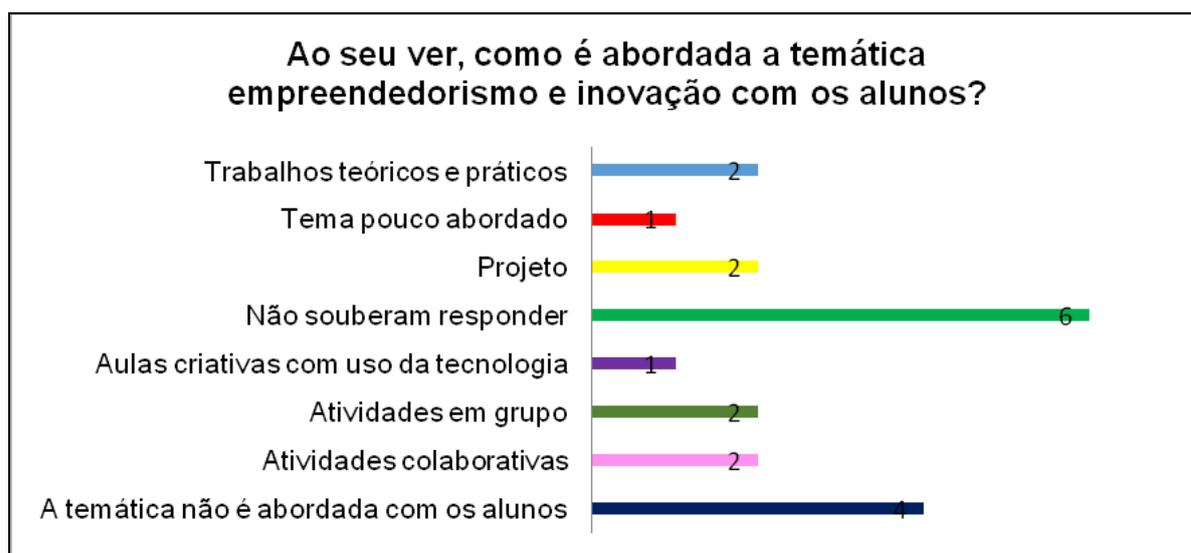
empreenderem”. As opiniões durante o diálogo levam a uma conclusão de que 22,7% dos entrevistados não conseguiram responder, evidenciando que se torna necessário um aprofundamento maior e com mais formações.

4.4 QUARTO BLOCO DAS ENTREVISTAS

Dando sequência nas entrevistas, apresenta-se o quarto e último bloco composto por três questões, o qual se refere às práticas realizadas pelos docentes.

Questionou-se aos respondentes: **‘Ao seu ver, como é abordada a temática empreendedorismo e inovação com os alunos?’**, as respostas seguem organizadas no Gráfico 9.

Gráfico 9– Ao seu ver, como é abordada a temática empreendedorismo e inovação com os alunos?



Fonte: Autoria própria (2019)

Dos 20 respondentes 30% ‘não souberam responder’, 20% salientaram que essa ‘temática não é abordada com os alunos’ e os demais procuraram responder de acordo com os saberes da experiência.

Há muito que a Comissão Europeia apoia o desenvolvimento da educação para o empreendedorismo. Na sua Comunicação de 2012 Repensar a educação - Investir nas competências para melhores resultados sócio econômicos, a Comissão enfatiza as competências transversais e particularmente as competências empreendedoras e recomenda que:

Os Estados-Membros devem promover as competências empreendedoras por meio de formas novas e criativas de ensino e aprendizagem a partir da escola primária, associando a esse esforço uma ênfase, desde o ensino secundário ao ensino superior, na oportunidade de criação de empresas como uma opção de carreira. A experiência do mundo real, adquirida pela aprendizagem baseada na resolução de problemas e em ligações às empresas, deveria ser incorporada em todas as disciplinas e adaptada a todos os níveis de ensino. Todos os jovens deveriam poder beneficiar de pelo menos uma experiência prática em empresa antes do final da escolaridade obrigatória (COMISSÃO EUROPÉIA/EACEA/EURYDICE, 2016, p.19).

O Plano de Ação “Empreendedorismo 2020”, da Comissão Europeia publicado em 2013, identificou a educação para o empreendedorismo como uma das três áreas a exigir uma intervenção imediata, conforme descrito em COMISSÃO EUROPÉIA/EACEA/ EURYDICE (2016).

Aqui no Brasil, verifica-se que não é hábito comum trabalhar empreendedorismo com os alunos desde a infância e isso pode ser observado na literatura, pois existem poucas referências e estudos acerca do ensino de empreendedorismo a crianças.

Para Almeida (2000) isto deve-se ao fato de, muitas vezes, as crianças constituírem uma espécie de público adormecido, de assistência silenciosa e passiva das relações e dos processos que envolvem os adultos. Contudo, alguns estudiosos, Kourilsky e Walstad (1998); Stevenson e Lundström (2002) prosseguem com o conceito de que o ensino do empreendedorismo deve ocorrer precocemente na vida de um indivíduo.

Nesse sentido, o entrevistado D18 acrescenta que

Eu não trabalho isso com meus alunos, mas conheço uma escola aqui da cidade onde os alunos têm empreendedorismo desde a educação infantil e a partir do primeiro ano é disciplina do currículo da escola. Esses alunos vivenciam situações reais de empreendedorismo. Um bom empreendedor está ligado ao caminho de bom gestor ou administrador na instituição escolar, são estes inovadores que darão um futuro melhor para a sociedade.

Dando continuidade à entrevista, agora enfatizou-se ‘**em quais disciplinas**’ são abordadas a temática empreendedorismo e inovação com os alunos. As respostas foram sintetizadas no Gráfico 10.

Gráfico 10– Em quais disciplinas?



Fonte: Autoria própria (2019)

O respondente D6 explica que: “Pode ser trabalhado em todas as disciplinas, inovando o método e adequando conteúdos”. Além dos 21,7% que ‘não souberam citar’, 13,6% afirmam ter abordado na disciplina de ‘matemática’ e o mesmo índice foi encontrado tanto em ‘geografia’ quanto em ‘ciências’. Quando no diálogo informal com os respondentes, questionou-se o por quê desta escolha e eles arguíram que inovação e empreendedorismo os remetem a ‘fazer cálculos e planejamentos’ em suas concepções.

Pode-se lamentar que o empreendedorismo não seja explorado pela disciplina de matemática, pois na BNCC, a mesma se apresenta como educação financeira iniciando no quinto ano. Também observou-se que 22,7% dos entrevistados não conseguiu responder e 9% apontou não ser trabalhado em nenhuma disciplina. Tais índices destacam a necessidade de se investir em formação nesta temática.

Podemos elencar os dados do Comitê Nacional de Educação e Formação para o Empreendedorismo da União Europeia, afirmando que em relação ao ensino fundamental anos iniciais, cerca de metade dos países adota uma abordagem transversal no que concerne à educação para o empreendedorismo, com ênfase nos objetivos transversais e horizontais, sem estar vinculada a determinadas disciplinas. Em 14 sistemas educativos, a educação para o empreendedorismo está integrada

em disciplinas obrigatórias e raramente tem o estatuto de disciplina opcional ou integrada em disciplinas opcionais, algo que sucede em apenas cinco países.

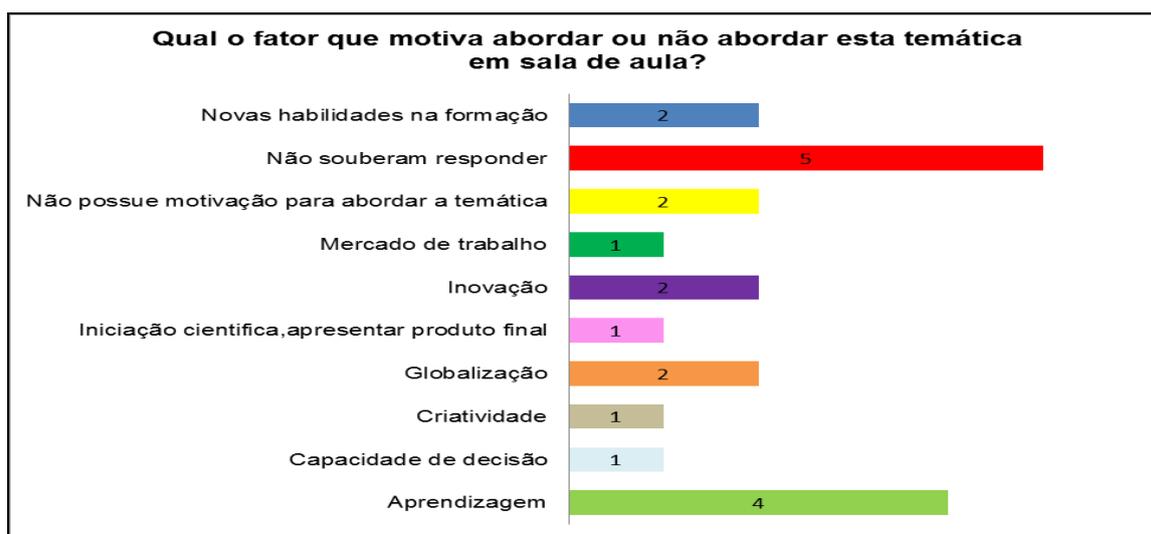
Ao todo, aproximadamente três quartos dos países europeus relatam pelo menos uma das abordagens supra referidas. Em quatro países (Espanha, Eslovénia, Finlândia e Noruega), os objetivos transversais ao currículo estão associados a disciplinas obrigatórias, enquanto outros quatro países (República Checa, Letónia, Malta e Roménia) recorrem às três metodologias (transversal, obrigatória e opcional).

Ensinar estratégias de empreendedorismo como parte da grade curricular da escola ou até mesmo como parte do dia a dia da família é a maneira apropriada de incentivar o pensamento crítico, a cooperação entre os amigos, entre outros fatores que pode garantir o diferencial humano e de pensamento para a vida adulta.

Demonstrando assim, a necessidade de formação continuada que dê condições do docente ensinar empreendedorismo aos discentes.

No Gráfico 11 há a representação dos 23,8% que ‘não souberam’ responder sobre ‘qual o fator que os motiva abordar ou não abordar esta temática em sala de aula?’ e 9,52% ‘não possui motivação alguma’.

Gráfico 11 – Qual o fator que motiva abordar ou não abordar esta temática em sala de aula?



Fonte: Autoria própria (2019)

Dentre os 19% que citaram a ‘aprendizagem’ como fator que os motiva, podemos destacar as falas dos respondentes:

O fator principal é a aprendizagem, pois os alunos estão cada dia mais envolvidos com a tecnologia e com o pensamento acelerado, por isso o professor deve aproveitar essa fase e investigar seus alunos para que a aprendizagem se concretize de maneira significativa (D5).

O que motiva eu ensinar isto é o meu modo de pensar a educação de forma globalizada. Eu não estou em sala de aula para formar alguém que saiba fazer contas apenas, mas um cidadão do bem, que saiba encarar os problemas da vida e tenha a capacidade de decisão (D10).

Dentre as respostas obtidas, 33,3% tiveram um posicionamento pessimista em relação a desenvolver e lecionar conteúdos que perpassem pelo empreendedorismo. Faz-se relevante instigar o conhecimento de empreendedorismo em docentes para que àqueles que por eles forem ensinados, possuam maior competência crítica de atuação reflexiva em sociedade. O docente é o primeiro elo na escola de uma corrente de desenvolvimento dos pensamentos crítico e criativo nos seus alunos, e a escola é o espaço social primoroso para essa prática educativa.

O docente tem um papel chave a desempenhar numa implementação eficaz da educação para o empreendedorismo escolar. Neste domínio, as atitudes e comportamentos são tão significativos como o conhecimento.

Tais competências adquirem-se melhor através de pesquisas e descobertas conduzidas pelos indivíduos, permitindo aos alunos transformar ideias em ações. São difíceis de ensinar através das tradicionais práticas pedagógicas em que o aluno tende a assumir um papel de receptor mais ou menos passivo. Requerem pedagogias ativas e centradas no aluno e atividades de aprendizagem que usam possibilidades de aprendizagem prática do mundo real. [...] Estas transformações exigirão mudanças significativas na forma como os próprios professores são educados (Comissão Europeia, 2011a, pp. 2-3).

A análise dos quatro blocos da entrevista permite concluir que os docentes inqueridos não possuem, em sua maioria, uma cultura empreendedora e assim, comprometem o desenvolvimento de cidadãos que teriam condições de construir uma sociedade financeiramente saudável, com boas práticas de cuidados próprios, investindo em si mesmos e com maior facilidade para serem proativos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo atingiu o macro objetivo inicialmente proposto de analisar a formação dos docentes que atuam no ensino fundamental da rede pública estadual de ensino da cidade de São Bento do Sul (SC) em relação ao ensino de empreendedorismo. Com intuito de alicerçá-lo, foi realizada uma investigação, centrada na entrevista semiestruturada, sobre os cursos de formação continuada e se atendem em termos teóricos e metodológicos a formação docente para o empreendedorismo. Observou-se que a maior parte dos entrevistados nunca recebeu uma formação no tema, o que acarreta prejuízos para seus alunos e por consequência para a sociedade que comporão na vida adulta, pois serão carentes de atitudes empreendedoras como a autoconfiança, de competências empreendedoras como a criatividade e de conhecimento empreendedor como, por exemplo, saber avaliar as oportunidades.

O inquérito utilizado também subsidiou a identificação dos saberes (pedagógicos, disciplinares, curriculares e experienciais) que se relacionam com a prática pedagógica do docente do ensino fundamental e percebeu-se que grande parte dos participantes não conseguiu fazer a correlação dos saberes com o empreendedorismo. A base para ensinar empreendedorismo não está sólida, pois esses docentes não têm essa caminhada em empreendedorismo desenvolvida em suas formações o que torna difícil a construção de uma aula de empreendedorismo que atenda minimamente os requisitos curriculares.

Foi possível observar no relato dos entrevistados a falta de interesse no tema, reflexo de uma pobre cultura empreendedora do país, que não incentiva a cidadania ativa, pouco estimula a criatividade e a inovação e fornece precária oportunidade não pontual para o estudo de empreendedorismo.

Também ficou evidenciado na pesquisa que os entrevistados possuíam escassa compreensão da dimensão do empreendedorismo e que, quando se aventuraram a responder, sempre relacionaram com ambiente empresarial, afastando a possibilidade do real entendimento acerca do tema em estudo, levando à conclusão que não tiveram contato com a cultura empreendedora em suas formações.

Ainda, com os dados obtidos, foi possível perceber as lacunas formativas em empreendedorismo, ficando evidente que a formação dos docentes que atuam no

ensino fundamental da rede pública da cidade de São Bento do Sul não conduzem aos pressupostos da prática pedagógica e metodológica para o ensino de empreendedorismo.

Como repassar um conhecimento que não houve na formação acadêmica? Este passa a ser um grande desafio inclusive para o ensino superior, contribuindo para o despertar do empreendedorismo na formação do docente.

Diante esta guisa, elaborou-se um roteiro didático-pedagógico para a orientação de docentes para lecionar o assunto para o ensino fundamental, satisfazendo uma exigência do estudo e oportunizando para docentes interessados aulas cientificamente preparadas para esta demanda.

Esta pesquisa se mostrou relevante por ser um tema pouco debatido nos espaços escolares da educação básica que é a fase escolar que alicerça todas as demais da vida de um indivíduo. Se as instituições se empenharem para ensinar empreendedorismo desde a tenra infância, talvez seja possível moldar uma cultura empreendedora para auxiliar a alavancar um país com a economia enfraquecida e cidadãos endividados. Nesse âmbito, o empreendedorismo apresenta-se como forma de superação de uma antiga imposição socioeconômica, para que novos arranjos possam ser implantados.

Em países referência em educação, sabe-se que o empreendedorismo é largamente ensinado em todos os níveis de ensino, desde projetos transdisciplinares à disciplinas exclusivas. Compreende-se então, que a educação para o empreendedorismo é fundamental para formar uma cultura empreendedora e assim, dotar os alunos de competências essenciais que vão desde autocuidado à conhecimentos gerenciais.

No contexto educacional brasileiro os docentes ocupam uma posição estratégica no interior das relações multifacetadas que unem as sociedades contemporâneas aos saberes por eles produzidos. Sendo assim, o docente tem um papel de agente transformador da sociedade.

A guisa de conclusão no processo de consolidação da educação empreendedora fundamenta-se na intensa conexão com a sociedade, esta passa a ser fonte de aquisição de conhecimentos, cujo papel é transformar conhecimentos em valores positivos que são elementos constituintes do ambiente empreendedor.

SUGESTÃO PARA TRABALHOS FUTUROS

No envolvimento científico com esta pesquisa nesses anos, muitas variáveis extras se apresentaram e se caracterizaram como hipóteses, mas nem todas foram estudadas por limitações de tempo, sem contudo trazer prejuízos para os objetivos desta dissertação.

Ao se pesquisar a formação de docente para o empreendedorismo, foram considerados aspectos da pesquisa envolvendo os docentes, onde não houve o enfoque nas habilidades, *Soft Skills* e competências.

O conceito de competência profissional tornou-se um tema bastante debatido no século XXI, e ganhou um espaço privilegiado nas empresas e escola, “trata-se de um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que, articulados promovem o desempenho das atividades de trabalho” (SAMPAIO, 2019, p.139).

Assim, o objetivo deste novo trabalho seria o de alinhar conceitos de *Soft Skills* com a competência empreendedora e sua importância para os docentes do ensino fundamental e médio na formação em empreendedorismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. M. C. L. **A formação inicial de professores e os problemas da prática pedagógica**: estudo da relação entre as percepções dos professores estagiários, dos professores cooperantes e dos supervisores. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Disponível em: www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1046. Acesso em: 16 mar. 2019.

ALMEIDA, A. N. *et al.* A sociologia e a descoberta da infância: contextos e saberes. *In: Fórum Sociológico*. 2000. p. 11-32.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, 2016. v. 70.

BARRETO, L. P. Educação para o empreendedorismo. **Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras**, v 20, n. 41, jul./dez., 1998.

BEHRENS, M. A. A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 80, n. 196, 2007.

BEHRENS, M.A. O paradigma da complexidade na formação e no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educação**, v. 30, n. 63, p. 439-455, 2007.

BOWLING, A. Measuring social networks and social support. *In: BOWLING, A. (Ed.) Measuring health: a review of quality of life measurements scales*. 2. ed. Buckingham: Open University Press, 1997. p. 91-109.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Florianópolis lidera lista de cidades com o maior número de startups**. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/pme/florianopolis-lidera-lista-de-cidades-com-maior-numero-de-startups/>. Acesso em: 22 jul. 2019.

BRASIL. **Referenciais para Formação de Professores**. Secretaria de Educação Fundamental; Ministério de Educação e Cultura. Brasília: MEC/SEF, 1999.

BRASIL. **Bases da Educação Nacional**. LDB nº 9394/96. 2010.

COMISSÃO EUROPEIA/EACEA/EURYDICE. **Educação para o empreendedorismo nas escolas europeias**. Relatório Eurydice. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia, 2016.

CAMPOS, D. B.; CHRISTO, M. M. S.; RESENDE, L. M. M. A proposta de Morin para a formação de um professor empreendedor. *In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SABERES PARA UMA CIDADANIA PLANETÁRIA*, 2016,. **Anais...** Fortaleza, 2016.

CANDAU, V. M. F. Formação continuada de professores: tendências atuais. *In: REALI. A. M. M. R; MIZUKAMI, M. G. N. (Orgs.). Formação de professores: tendências atuais*. São Carlos: EdUFSCar, 2003.

CLOUSE, R. W. *et al. Entrepreneurs in action: an integrated approach to problem solving via the Internet*. 2003.

COPE, J. Toward a dynamic learning perspectiv of entrepreneurship. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 4, n. 29, p. 373-397, 2005.

DE ANDRE, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 2005.

DE LIMA BRIANEZI, A. B.; ARAUJO, K. de A. B. Competência intraempreendedora como vantagem competitiva: estudo empírico analítico com docentes no estado de São Paulo. **Acta Negócios**, v. 1, n. 1, 2017.

DENK, A.; BENDA, C. **Panorama sócio econômico de São Bento do Sul**. 16º ed. 2018. Disponível em: <https://panoramasbs.org.br>. Acesso em: 15 mar. 2020.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Associados, 1999.

DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo na prática**. Mitos e verdades do empreendedor de sucesso. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 3 ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, P. **La innovación y el empresario innovador**. Editorial Norma, Cali, Colombia, 1986.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: práticas e princípios**. 12 edição. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

FACHINI, O. **Fundamentos de metodologia**. 6ª edição. São Paulo: Saraiva, 2017.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**. Abr/Jun. 1999.

FILION, L. J.; LIMA, E. As representações empreendedoras: importantes temas para avançar em seu estudo. **Revista de Negócios**, v. 15, n. 2, p. 32-52, 2010.

FRAIMAN, L. **Como ensinar bem as crianças e adolescentes de hoje**. 1ª edição. São Paulo: Editora Esfera, 2013.

FRASSON, A. C.; JUNIOR, C. R. O. **Metodologia da pesquisa científica**. Ponta Grossa: UEPG, 2009.

FUMAGALI, L. A. W. Intraempreendedorismo: um estudo das relações entre cultura organizacional e a capacidade de empreender nas empresas. *In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA - ANPAD, Anais...* Brasília, 2008. v. 25.

FUSARI, J. C.; FRANCO A. de P. **A formação contínua como um dos elementos organizadores do projeto político pedagógico da escola**. Formação Contínua em Serviço e Projeto Pedagógico: Uma Articulação Necessária. 2005.

GARCIA, C. M. (1999). **Formação de professores**. Para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora. GMC — General Medical Council (1999).

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GRAMIGNA, M. R. **Modelo de competências e gestão de talentos**. São Paulo: Makron Books, 2012.

GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 25. **Anais do Congresso**. ANPAD, Brasília, 2008.

GHEDIN, E. Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade. *In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4. Anais...* Londrina, 2009.

GUILHON, P. T. e ROCHA, R. A **Intrapreneur**: multiplicador de novos negócios. Revista Alcance, ano VI, n 1, maio, 1999.

HASHIMOTO, M. **Espírito empreendedor nas organizações**: aumentando a competitividade através do intraempreendedorismo. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

HENGEMÜHLE, A. **Desafios educacionais na formação de empreendedores**. Porto Alegre: Penso, 2014.

HOUSSAYE, J. Quinze pédagogues, leur influence aujourd'hui: Rousseau, Pestalozzi, Fröbel, Robin, Ferrer, Steiner, Dewey, Decroly, Montessori, Makarenko, Ferrière, Cousinet, Freinet, Neill, Rogers. **Formation des enseignants. Enseigner**, 1995.

KAUARK, F. **Metodologia de pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88p.

KOURILSKY, M. L.; WALSTAD, W. B. Entrepreneurship and female youth: Knowledge, attitudes, gender differences, and educational practices. **Journal of Business venturing**, v. 13, n. 1, p. 77-88, 1998.

KUPFER, Maria Cristina. Freud e a Educação – **O mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1995.

LEAL, A. P.; SETTE, R. B.; SANCHES, V. L. **A Importância do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico no Brasil**. Multidisciplinary Scientific Journal, 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/administracao/desenvolvimento-economico>. Acesso em: 10/05/2019.

LEITE, E. F. **O fenômeno do empreendedorismo**. Editora Saraiva, 2017.

LONGEN, M. T. **Processo comportamental associado à criação de empresas de pequena dimensão**. Dissertação (mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção, UFSC, Florianópolis, 1997.

LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Elsevier, 2010.

MAPA DE SANTA CATARINA. Encontra Santa Catarina. Disponível em: <http://www.encontrasantacatarina.com.br/mapas/>. Acesso: 19 Mar. 2020.

MARCARINI, A; SILVEIRA, A; HOELTGEBAUM, M. O desenvolvimento do empreendedor nas universidades como instrumento de geração de novos negócios. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE IBEROAMERICAN ACADEMY OF MANAGEMENT, 3., 2003. **Proceedings...** 2003. p. 1-28.

MAMEDE, M. I. B.; MOREIRA, M. Z. Perfil de competências empreendedoras dos investidores Portugueses e Brasileiros: um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. *In*: ENCONTRO DA ANPAD, 29. **Anais do congresso**. Brasília, 2005.

MARTINS, S. N.; DIESEL, A.; SILVA, J. S. Educação Empreendedora nos Ensinos Médio e Fundamental: Diversas Percepções. **Revista Thema**, v. 13, n. 1, p. 36-46, 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

MINTZBERG, H. **MBA, não obrigado!** Porto Alegre: Bookman, 2006.

MIRANDA, A. L. *et al.* **Educação empreendedora em diferentes contextos.** Viseu, 2019.

MORRIESEN, E. M.; *et al.* Empreendedorismo como componente para desenvolvimento de responsabilidade econômica no ensino fundamental. **e-Mosaicos**, v. 6, n. 12, p. 138-154, 2017.

MOURA DA CUNHA, C. V.; DA SILVA, M. Vi.; YAMAGUCHI, N. M. **Empreendedorismo:** histórias que motivam, despertam e encantam. Anuário da Produção Acadêmica Docente, v. 5, n. 12, p. 165-182, 2012.

NÓVOA, A. *et al.* **Os professores e sua formação.** Lisboa: Dom Quixote, v. 3, 1992.

NÓVOA, A. (Org.). O passado e o presente dos professores. **Profissão Professor.** Portugal: Porto, 1995.

NÓVOA, A. **Professores:** imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Artmed editora, 2015.

PEREIRA, L. **Recursos de profissionalização docente no ensino superior:** Trajetória e renovação na prática pedagógica. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2017/10/Liandra>. Acesso em: 15 Mai. 2018.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores:** unidade teoria e prática? São Paulo, SP: Cortez Editora, 2012.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência.** São Paulo, SP: Cortez, 2012.

PINCHOTT III, G. **Intrapreneuring:** por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor. São Paulo: Hbra. 1985.

SAMPAIO, M. **Atitude empreendedora:** descubra com Alice seu país das Maravilhas. Editora Senac São Paulo, 2019.

SAY, J. B. **Traité d'économie politique:** ou simple exposition de la manière dont se forment, se distribuent et se consomment les richesses. Guillaumin, 1846.

SCHUMPETER, J. **Capitalismo, socialismo e democracia.** Leya, 2019.

SCHUMPETER, J. A. **Teorias do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

STEVENSON, L.; LUNDSTRÖM, A. **Beyond the rhetoric**: defining entrepreneurship policy and its best practice components. 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e saberes profissionais**. Petrópolis RJ: Vozes, 2014.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. Atlas, 2009.

TONELLI, A. **Elaboração de uma metodologia de capacitação aplicada ao estudo das características comportamentais dos empreendedores**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/77229>. Acesso em: 10 dez. 2018.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Intraempreendedorismo feminino, competências empreendedoras e conflito trabalho-família: um estudo de caso com professoras de programas de mestrado e doutorado em administração de Curitiba-PR. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD*, 6. **Anais...** Florianópolis, 2010.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Escarecido (TCLE)/
Termo de Consentimento para uso de Imagem e Som e Voz (TCUISV)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)/
TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E SOM E VOZ (TCUISV)**

Título da pesquisa: Formação Docente para o Ensino de Empreendedorismo

Pesquisador(es/as) ou outro (a) profissional responsável pela pesquisa, com Endereços e Telefones:

- 1- Eliane Maria Morriesen. Telefone: 47-9996-7344, Endereço: Rua Castelo Branco, 15, Colonial – São Bento do Sul/SC, CEP: 89.288-325.
- 2- Antonio Carlos Frasson. Telefone: 42- 3220-4800, Endereço: Av. Monteiro Lobato, s/n-km 04, CEP: 84016-210.

Local de realização da pesquisa:

Endereço, telefone do local:

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

Convidamos o(a) Sr.(a) para participar da pesquisa **Investigação da Formação de Docentes de Ensino Fundamental**, sob a responsabilidade da pesquisadora Eliane Maria Morriesen, com a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson.

1. Apresentação da pesquisa.

A pesquisa busca subsidiar os professores com material didático sobre empreendedorismo, para que os docentes sejam agentes mediadores do conhecimento sobre empreendedorismo para os alunos do ensino fundamental anos iniciais.

2. Objetivos da pesquisa.

Analisar a formação dos docentes que atuam no ensino fundamental da rede pública estadual de ensino da cidade de São Bento do Sul (SC) em relação aos pressupostos da prática pedagógica e metodológica para o ensino de empreendedorismo.

3. Participação na pesquisa.

Sua participação na pesquisa acontecerá por meio da participação na entrevista semiestrutura composta por quatro blocos de questões com a pesquisadora. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita. A entrevista transcrita será fornecida para o entrevistado para conferência e consentimento.

4. Confidencialidade.

Em hipótese alguma seu nome será divulgado, sendo preservada a sua identidade.

5. Riscos e Benefícios.

5a) Riscos: Pode gerar no participante o risco mínimo de desconforto durante a intervenção. Se ocorrer algum desconforto será acionado o SAMU local.

5b) Benefícios: Dentre os benefícios diretos e imediatos, espera-se deste projeto a aquisição de conhecimento interdisciplinar de empreendedorismo pelos docentes, onde estes poderão ser capazes de reproduzir as situações adquiridas que influenciarão por meio de suas relações sociais a comunidade na qual está inserido. Docentes, demais pesquisadores e sociedade interessada também poderão ser beneficiados com o material didático-pedagógico que se pretende elaborar até o final da pesquisa e que ficará disponível de forma livre e gratuita no site da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

6. Critérios de inclusão e exclusão.

6a) Inclusão: Serão entrevista dos professores selecionados por lecionarem no ensino fundamental anos iniciais, em escolas estaduais do município de São Bento do Sul/SC.

6b) Exclusão: Não se aplica.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Sua participação é voluntária, e se depois de consentir a sua participação o Sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Como também tem o direito de receber esclarecimentos sobre a pesquisa em qualquer momento. Para esses esclarecimento deve-se procurar a pesquisadora.

Você pode assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse:

() quero receber os resultados da pesquisa – e-mail para envio : _____

() não quero receber os resultados da pesquisa

8. Ressarcimento e indenização.

O projeto de pesquisa foi idealizado de maneira que os indivíduos não irão possuir qualquer tipo de gasto. Havendo qualquer eventualidade durante o desenvolvimento da pesquisa, que gere necessidade de ressarcimento ou indenização aos participantes da pesquisa, os mesmos serão devidamente ressarcidos/indenizados conforme comprovação em lei vigente.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** (41) 3310-4494, **e-mail:** coep@utfpr.edu.br.

B) CONSENTIMENTO

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome Completo: _____

RG: _____ Data: ___ / ___ / _____

Nascimento: ___ / ___ / _____ Telefone: _____

Endereço:

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura:

Data: ___ / ___ / _____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo: Eliane Maria Morriesen.

Assinatura pesquisador (a) (ou seu representante):

_____ Data: __/__/__

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Eliane Maria Morriesen, via e-mail: eliane.m.morriesen@gmail.com ou telefone: (47) 99967344.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

Endereço: Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** 3310-4494, **E-mail:** coep@utfpr.edu.br



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO
PARANÁ
CÂMPUS PONTA GROSSA**



Entrevista Docentes

A pesquisa será composta por quatro blocos. **O primeiro bloco se refere ao perfil dos entrevistados**, configurando-se das seguintes perguntas:

Sexo

- Masculino
- Feminino

Idade

- 20 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- Acima de 50 anos

Tempo de exercício no magistério/docência

- Menos de 10 anos
- De 11 a 15 anos
- De 16 a 20 anos
- Mais de 20 anos

Formação Básica

- Magistério (nível médio)
- Graduação. Qual? _____
- Outro _____

Pós-Graduação

- Especialização
- Mestrado. Qual? _____
- Doutorado. Qual? _____

Disciplina (s) que ministra:

No segundo bloco será investigada questões voltadas ao saber docente.

- Qual seu entendimento sobre empreendedorismo?
- Como você compreende a relação da inovação com o empreendedorismo?
 - Como o docente pode contribuir para uma pedagogia empreendedora na escola?
 - De acordo com sua experiência e seus saberes docentes, você possui condições de ensinar sobre empreendedorismo na escola? Se sim, de que maneira?

O terceiro bloco se refere às questões sobre a formação docente.

- Os cursos de formação continuada oferecem ferramentas didático-pedagógicas e aporte teórico para o ensino de empreendedorismo?
 - Quais os temas que deverão ser abordados na formação dos docentes para o ensino de empreendedorismo? Justifique.
 - De que forma a formação continuada pode contribuir para o ensino do empreendedorismo?

O quarto bloco se refere às questões voltadas às práticas realizadas pelos docentes.

- Ao seu ver, como é abordada a temática empreendedorismo e inovação com os alunos?
 - Em quais disciplinas?
 - Qual o fator que motiva abordar ou não abordar esta temática em sala de aula?